

nº 2 / #1 abr - jun 2020
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE



editora	Caravela Selo Cultural
editor	José Correia Torres Neto
conselho editorial	Alexis Peixoto Sheyla Azevedo Cícero Oliveira Ruy Alkmim Rocha
revisão ortográfica/gramatical	Kaline Sampaio de Araújo
revisão tipográfica	José Correia Torres Neto
bibliotecária	Verônica Pinheiro da Silva
projeto gráfico original	Júlia Pazzini
adaptação para digital	Fernanda Oliveira
fotografia da capa	Cícero Oliveira
autores	Cícero Oliveira Cleuneide Rodrigues de Souza Genilson de Azevedo Farias Gustavo Sobral Ilane Ferreira Cavalcante Jania souza Miriam Flávia Medeiros de Araújo Nivaldete Ferreira Ozaías Antonio Batista
tipologia	Garamond e Univers LT Std
periodicidade	Trimestral [abr - jun 2020]

Catálogo da Publicação na Fonte: Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva – CRB-15/692.

Caravela: e-Revista de Literatura Potiguar / José Correia Torres Neto (Ed.). –
ano 1, n. 2 (abr; - jun. 2020)- . Natal: Caravela Selo Cultural, 2020-

Ano 1, n. 2 (abr./jun. 2020).

Trimestral.

Resumo em português e inglês.

ISSN XXXX-XXXX.

1. Literatura : Rio Grande do Norte - periódico. 2. Diálogo. 3. Prática
educativa. 4. Discussão. 5. Registro. I. Caravela Selo Editorial. II. Torres Neto,
José Correia.

CDU 821.134.3 (813.2)

Os conteúdos, as opiniões e as conclusões apresentadas nesta edição
são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

É proibida a reprodução total ou parcial dos textos e imagens,
em qualquer suporte, sem a prévia autorização dos autores e da editora.
Mesmo autorizada, será obrigatório referenciar a revista como fonte principal.

Contato com a editora: caravelaselocultural@gmail.com

<https://caravelaselocultural.wixsite.com/caravelaselocultural>

editorial

Chegamos a segunda edição da **caravela – e-revista potiguar de cultura e arte** que se apresenta com sete textos direcionados ao Rio Grande do Norte.

A e-revista abre a sua edição com o texto *A trajetória de vida de Dalcy da Silva Cruz: escritas de si, subjetividades e vias poéticas em uma só mulher* de Miriam Flávia Medeiros de Araújo que nos ajuda a perceber, por meio dos escritos literários e as subjetividades da professora Dalcy durante a sua trajetória intelectual, enquanto mulher para a época em que ela vivia, e nas diversas áreas da ciência.

Genilson de Azevedo Farias apresenta, no segundo texto da e-revista, a vida de uma das primeiras mulheres a levantar a bandeira do feminismo no Brasil. Em *Nísia Floresta: Uma mulher de seu tempo, mas além da sua cultura* o autor escreve sobre a mulher sensível, culta, libertária e patriótica, mas acima de tudo, possuidora de grandeza e amplitude humana.

Cleuneide Rodrigues de Souza e Ilane Ferreira Cavalcante discutem, no terceiro texto, o livro *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, o Gabo, e abordam como são tratadas a questão de gênero no romance, seus esgarçamentos entre feminino e masculino e como essas rupturas são tratadas.

Uma parte importante da história do livro e das livrarias do Rio Grande do Norte é apresentada por Gustavo Sobral em *Edições CLIMA, capítulo da história do livro no Rio Grande do Norte*. O autor resgata, no quarto

texto da e-revista, a história de uma das mais importantes livraria e editora do estado e o seu idealizados, o livreiro Carlos Lima.

O poeta macauense José Saddock de Albuquerque e o seu poema de sageja são trazidos pela escritora Nivaldete Ferreira no quinto texto da e-revista. A escritora pontua os elementos estéticos, estruturais e sentimentais da construção poética de Saddock e o mergulha em um referencial denso e que ajuda ao leitor a compreensão de suas palavras.

No penúltimo texto da e-revista, o pesquisador Ozaías Antonio Batista em *Reflexões para uma leitura poética de O meu pé de laranja lima* percorre a obra de José Mauro de Vasconcelos publicada em 1968 e contextualiza seu imaginário poético e a infância onírica dos personagens e a do próprio autor.

Jânia Souza fecha a e-revista trazendo ao leitor três nomes da literatura potiguar: Eduardo Gosson, Janilson Dias de Oliveira e Carlos Magno de Souza. São três notas bem pontuais onde a autora mergulha na biografia e na obra de cada um deles e nos indica a grande representatividade da prosa e da poesia que existe nas terras potiguares.

Ao longo desta segunda edição o leitor caminhará, desde a capa, pela Galeria Cicero Oliveira e apreciará a sua exposição “Ribeira Noturna” onde são apresentadas onze imagens de um dos bairros mais belos da capital potiguar: a histórica Ribeira.

E é nesse cotidiano de incertezas, pandemia e distopias que nos apoiamos nas pluralidades das representações culturais. A arte – como

uma das formas mais democráticas de representar os sentimentos e as angústias – permite que saíamos de um mundo real e, momentaneamente, não desejado e busquemos um prazer íntimo, coletivo ou até mesmo, quem sabe, abstrato. **caravela – e-revista potiguar de cultura e arte** está inserida nesse contexto de ser mais um desses possíveis caminhos.

Boa Leitura!
O editor

sumário

- a trajetória de vida de dalcly da silva cruz:** 10
escritas de si, subjetividades
e vias poéticas em
uma só mulher
Miriam Flávia Medeiros de Araújo
- nísia floresta:** 20
uma mulher de seu tempo,
mas além da sua cultura
Genilson de Azevedo Farias
- esgarçamento entre
feminino e masculino em o
amor nos tempos do cólera:** 34
uma perspectiva de análise
Cleuneide Rodrigues de Souza
Ilane Ferreira Cavalcante
- edições CLIMA,
capítulo da história do livro
no rio grande do norte** 44
Gustavo Sobral
- josé saddock de
albuquerque e o seu
poema de sagesa** 50
Nivaldete Ferreira

**reflexões para uma
leitura poética de
*o meu pé de laranja lima*** 55
Ozaías Antonio Batista

**escritores e
poetas potiguares
contemporâneos
em três notas** 62
Jania Souza



>>galeria cícero oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

Cícero Oliveira é graduado em Ciências Contábeis e Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trabalhou no conselho editorial da AS Editores no período de 2000 a 2007. Fotógrafo atuante e instrutor de fotografia com vasta experiência na área, tendo ministrado cursos em diversas instituições, como a UFRN, Universidade Potiguar, Faculdade Câmara Cascudo, SENAC/RN, PRONATEC e Instituto Ponte da Vida. Coautor do livro *Hora Imortal: UFRN contemporânea*. Desde 2012 é fotógrafo da UFRN, desempenhando atividades na Assessoria de Comunicação da Reitoria e na Superintendência de Comunicação.

>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

a trajetória de vida de dalcy da silva cruz: escritas de si, subjetividades e vias poéticas em uma só mulher¹

Miriam Flávia Medeiros de Araújo

Quem conta uma história faz, necessariamente, apelo à memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista. A memória está mediada pela imagem que fazemos de nós mesmos.

O sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito (BOSI, 1999, p. 44).

Ao relatar sua história de vida, o narrador apresenta parte dos fatos e eventos que o constituíram de acordo com a situação e com as relações que ocorrem durante a própria narrativa.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1999, p. 47).

¹Esse artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A autora é mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela UFRN, sob orientação da professora Dra Ana Laudelina Ferreira Gomes que coordena a linha de pesquisa: Trajetórias, narrativas e poéticas de mulheres, artistas e intelectuais brasileiras.

No entanto, nem sempre tal processo é consciente, ele contém continuamente dimensões que escapam ao próprio narrador. A memória é processual e situada, ela vai se construindo e desenhando sentidos (sempre parcelares) na relação que estabelece entre experiência passada, presente e projeção de futuro (desejo) e, igualmente, com a subjetividade daquele que escuta, num processo dialético entre a subjetividade do ouvinte e a do narrador. Para Laurence Bardin (1997, p. 170), na elaboração do discurso

[...] é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições [...].

Nesse sentido, Garcia Márquez (2003) nos convida à reflexão na epígrafe do seu livro autobiográfico “Viver para contar”, na qual escreve que a vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda e como recorda para contá-la. Para tornar a realidade inteligível, portanto, as pessoas necessitam organizá-la por meio de narrações que estão em permanente movimento de intercâmbio e em conexão com outras histórias.

Ainda nesse contexto de memória e história, se faz importante ressaltar toda a riqueza que se constrói em termos de conhecimento quando o indivíduo relata a sua história de vida. Destacamos aqui que as contribuições e aprendizagens apreendidas da narrativa de uma história de vida podem refletir de maneira positiva ou não nos dias atuais. Em Clarissa Pinkola Estés, percebemos a importância que há na socialização de histórias como formas de curar feridas e corrigir erros do passado.

O dom essencial da história tem dois aspectos: que no mínimo reste uma criatura que saiba contar a história e que com esse relato forças maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança sejam continuamente invocadas a se fazer presentes no mundo. (ESTÊS, 1998, p. 09).

Para a autora, o relato de uma história é considerado uma prática espiritual básica. A história pode ensinar, corrigir erros, aliviar, o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos.

Quase sempre o pensamento formado em um contexto sofre uma espécie de metamorfose com o passar do tempo, por diversos motivos: mudanças políticas, sociais, emocionais, dentre outras. O que um mesmo sujeito pensava e acreditava em uma determinada época de sua trajetória de vida pode até manter-se em alguns aspectos, mas também pode ser mudado com o passar dos anos. Pode ainda acoplar-se a novos pensamentos ou negar vivamente ideias anteriores. O mais dificultoso e raro nesse processo é assumir essa metamorfose e pensá-la como necessária e urgente para que sejamos capazes de “pensar bem”, ou seja, elaborar ideias, estratégias e ações com o que temos à nossa disposição para fazer ampliar as possibilidades de vida dos que nos cercam, conforme acepção de Maria da Conceição de Almeida (2007). Mas, assim como na metamorfose da lagarta em borboleta na qual muda-se a composição física, mas o sistema nervoso central permanece (MORIN apud ALMEIDA, 2012), na metamorfose da vida de um sujeito há sempre um “essencial que permanece”, conforme expressão de Clarissa Pinkola Estês (1998).

A reflexão a respeito desse artigo iniciou-se no ano de 2010, quando me aproximei da professora Dalcly da Silva Cruz, num exercício de orientação de um trabalho acadêmico. A partilha generosa das experiências de trabalho e vida de Dalcly levaram-me a fazer vários questionamentos: como trazer a público a trajetória dessa mulher sem esbarrar

na linearidade temporal de uma biografia? De que maneira essa mulher foi, durante a sua trajetória, assumindo posturas diferenciadas e migrando em diversos espaços na sociedade e na ciência? A sua produção literária traz subjetividades da mulher considerada tão múltipla?

A história de Dalcly da Silva Cruz, atualmente com 85 anos, confunde-se com a história das Ciências Sociais no estado do Rio Grande do Norte; com a federalização do ensino superior; com a história da Fundação José Augusto; com a estruturação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); com a discussão ampliada da Reforma Agrária brasileira e latino-americana; com a discussão sobre aquele que ela chama de “intérprete da cultura brasileira”, tão caro às Ciências Sociais, Caio Prado Júnior.

Como objetivo geral, buscamos perceber, por meio dos escritos literários e subjetividades de Dalcly os principais caminhos percorridos, os paradigmas rompidos durante a sua trajetória e que a constituíram uma intelectual. Para isso, procuramos perceber os avanços que Dalcly teve, enquanto mulher, para a época em que vivia e situar a importância de Dalcly nas diversas áreas da ciência.

O exercício de retomada de trajetórias de vida opera numa relação recursiva: ao mesmo tempo em que faz com que pensadores de referência tornem-se sujeitos de carne e osso pelo reconhecimento dos motivos de suas escolhas teóricas fundamentais, ao passo que nos revelam ideias outras de grande relevância, mas que não chegaram ao registro geral da Ciência e da vida. Podemos citar como exemplo o reconhecido físico alemão Albert Einstein (BRIAN, 1999), cujas preocupações humanistas com os desmandos da civilização só chegaram ao registro por meio da publicação de suas biografias e cartas endereçadas a familiares e intelectuais de sua época.

Alguns poucos intelectuais de grande abrangência dentro e fora do âmbito da Ciência exercitam a escrita e publicação de sua própria trajetória como forma de rememorar histórias e rever decisões e escolhas teóricas do passado. Nessa esteira é possível destacar Edgar Morin, um incansável construtor de um método que, ao

invés de fragmentar, reúne vida e ideias. Morin já permitiu a publicação de alguns diários e livros autobiográficos, tais como *Diário da Califórnia*, da década de 1960, *Meus demônios*, da década de 1990 e *Meus filósofos*, de 2013. Neste último, Morin fala do entrelaçamento de sujeitos que construíram e estruturaram suas principais ideias e rumos de vida.

No filósofo italiano Giorgio Agamben buscamos uma concepção atualizada sobre o que é o contemporâneo. Segundo Agamben (2009, p. 62), “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Percebemos que nossa personagem sempre esteve em busca de ver, por meio de suas pesquisas, o que está para além do trivial.

É nesse espírito que estruturamos esse artigo, uma vez que a protagonista da história, a professora Dalcy representa um modelo de ousadia intelectual, de coragem como mulher e de forte influência na trajetória de vida das autoras deste artigo e de tantas outras pesquisadoras.

caminhos e descaminhos de dalcy: a trajetória

Dalcy da Silva Cruz nasceu em 15 de Agosto de 1930 na cidade do Natal, mais precisamente no bairro do Alecrim, onde viveu um pouco da sua infância. Posteriormente ela, acompanhada de sua família, foi morar na região oeste do estado, na cidade de Angicos e, logo após, no pequeno povoado no vale do Assú, denominado de Rosário, hoje conhecido como Ipanguaçu. Durante esse período, vivendo em um contexto simples e envolvida pela natureza, Dalcy já começava seus primeiros contatos com o conhecimento formal, uma vez que sua mãe preocupada com seu futuro já lhe apresentara uma cartilha do ABC e uma tabuada e com os saberes locais como a contação de histórias, as cantigas de roda, a dança e diversos elementos que faziam parte do contexto cultural daquele lugar.

Em seu memorial, Dalcy relaciona seus primeiros anos de vida com os escritos de João Cabral de Melo Neto em *Morte e vida Severina* (1967) quanto ressalta a infância simples em

meio à mais crua realidade de fome e seca no sertão nordestino. Mas, foi em Assú que aquela menina simples e sonhadora vivenciou momentos marcantes de sua infância. Após essa etapa Dalcy sai daquele contexto rural para sentir a efervescência sociocultural da Segunda Guerra Mundial na capital Natal, onde vivencia toda sua adolescência e passa a traçar uma nova estratégia para sua vida: a juventude e a academia.

Nos anos 50 do século XX, Dalcy ingressa na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa, no curso de História e Geografia. Com o desmembramento do curso, em 1959, ela opta pelo Bacharelado em Geografia. Ao concluir o curso, viu-se impedida de realizar sua mais acaalentada paixão que era lecionar. As circunstâncias exigiam definições rápidas de sustento para a própria vida, mas o desejo de ser professora apenas aguardou um pouco mais de tempo.

Devido a questões financeiras ela teve que se sustentar, foi quando surgiu a oportunidade de atuar em um projeto de extensão rural coordenado pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). Após o treinamento realizado em Recife e considerado complexo pela sua diversidade profissional ela retorna ao Estado do Rio Grande do Norte para atuar na sua nova profissão, nas colônias de Pium, São Tomé e Macaíba.

Logo, algo lhe inquietava, pois percebeu que os conhecimentos adquiridos na universidade de nada serviam para o que fazia naquele momento. Foi essa inquietação que alimentou a necessidade de aprofundar outras leituras, bem como a vontade de contribuir enquanto militante. A jovem Dalcy, marcada pela incessante fome pelo conhecimento, mergulha no mundo da sociologia e uma nova etapa de sua história começa a surgir.

Em 1965, Dalcy matricula-se na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para cursar a Licenciatura em Geografia e, em 1966, já criada a Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto, órgão do Estado, tenta o vestibular para o Bacharelado em Sociologia e Política. Apesar das dificuldades trazidas pelo golpe militar

de 1964 e pelas viagens que o trabalho exigia, abriram-se novas perspectivas: o contato, agora sistemático, com a teoria sociológica. Passou a conhecer as ideias de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim, Florestan Fernandes, Yves Lacoste, Celso Furtado, entre tantos outros pensadores de referência não apenas na Sociologia e Geografia, mas na formação de um pensamento social global e local ao mesmo tempo.

Em 1970, Dalcy submete-se a um concurso público para a cadeira de Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Sociologia e Política onde leciona até 1976, quando as Escolas de Sociologia e Política foram fechadas pela ditadura militar. Com o fechamento da Faculdade, a UFRN buscou professores e alunos daquela entidade superior e o seu acervo bibliográfico. Dalcy passa a compor o quadro daquela UFRN como professora colaboradora, até o ano de 1977 quando é aprovada no concurso de Professor Assistente.

Além da UFRN, em sua trajetória profissional, trabalhou no Serviço Social do Comércio (SESC) como pesquisadora. Trabalhou também no Movimento de Educação de Base (MEB), que lhe possibilitou voltar a ter contato com o meio rural, com outra visão de mundo. Atuou ainda no Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e como assessora de pesquisa do Centro de Educação Técnica do Nordeste (CETENE), ligado ao Ministério de Educação e Cultura.

Complementando a sua formação, faz um curso de Especialização em Planejamento Educacional na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em seguida, cursa o Mestrado na cidade de Campina Grande (Campus II da UFPB), entre 1977 e 1978. Essa foi uma etapa muito importante, pois lhe permitiu consolidar sua visão de mundo numa perspectiva crítica e de engajamento político nas transformações da realidade. De volta à UFRN, começa a pensar no doutorado, projeto concretizado em 1985, indo cursá-lo na UNICAMP em São Paulo. Esse projeto foi interrompido em 1989. Retornando a Natal, retoma os estudos, fazendo o doutorado em Educação na UFRN, onde defende uma tese

sobre o pensamento de Caio Prado Júnior iniciada na UNICAMP em 2002.

Dando continuidade, aos 72 anos de vida, segue para Portugal para fazer o Estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa. Ao voltar para o Brasil, em 1993, já aposentada formalmente da UFRN, retoma a atividade docente como professora colaboradora, mas também passa a lecionar na Universidade Potiguar (UnP), instituição privada do estado. Nesse momento, intensifica seu diálogo com jovens estudantes interessados em discutir questões diversas.

Dalcy sempre esteve engajada em grupos de pesquisa ao longo de sua trajetória, mas quando retorna de sua temporada na Europa intensifica sua adesão intelectual aos grupos Cultura, Política e Educação, coordenado pelo Professor Doutor José Willington Germano e ao Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), coordenado por Maria da Conceição de Almeida. Nesses espaços, Dalcy reconhece que muitas de suas inquietações teóricas, que não se enquadravam nos modelos homogêneos de Ciência, podem encontrar terreno fértil para desdobrar-se. Fazer parte desses grupos revela uma característica nobre de nossa personagem: a humildade intelectual. Os dois professores que passaram a ser orientadores e coordenadores das bases de pesquisa às quais ela aderiu foram seus alunos de graduação ainda na época da Escola de Sociologia e Política da Fundação José Augusto. Como bom mestre, sabe reconhecer quando o discípulo vai além.

Atualmente, suas inquietações de pesquisa giram em torno de questões que afligem o indivíduo na contemporaneidade, principalmente neste início de século e de milênio, como globalização, avanço tecnológico, comunicação, cultura e ciência e as relações do homem com a natureza, nesse momento de agonia planetária pela agressão que o meio ambiente vem sofrendo. Para Almeida,

Para conhecer é preciso selecionar informações, eleger algumas como mais importantes, articulá-las entre

si, imputar significados a elas. Conhecimento é tratamento de informações. É o resultado de uma ação e de um trabalho ao mesmo tempo árduo e prazeroso do pensamento para estabelecer elos entre os dados, observar aproximações e afastamentos, procurar encaixes entre indícios e sinais que reconhecemos como informações sobre um fenômeno, um problema, um tema. (2007, p. 07)

Para complementar, Almeida (2007) traz uma importante diferenciação entre conhecimento e sabedoria, onde deixa claro que de um lado estamos a todo tempo sendo abalroados por informações científicas e de outro temos a recepção de uma informação pautada na simplicidade e na vivência de um indivíduo. O que pretendemos com essa discussão é justamente mostrar a capacidade que o indivíduo tem de construir ou transformar esse conhecimento e de principalmente permanecer ou não com ele, conforme permite o meio social em que ele está inserido. Essa permanência desse tipo de conhecimento seria ou não uma forma de sabedoria?

Como falar de conhecimento, saberes, vivências, metamorfose, diálogo e não falar da figura que manuseia tudo isso tão bem, gerando indagações? Qual o caminho a seguir para o conhecimento? Existe uma receita certa para isso? O intelectual é a pessoa que pode identificar a mudança de pensamento e dialogar consigo e com o mundo sobre essa mudança.

O intelectual é aquele que manipula, constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes [...]. É um artista do pensamento, porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere essa complexa arte do

pensamento aí está em ação um intelectual. (2007, p. 08).

Neste artigo, nos debruçamos sobre a trajetória da intelectual Dalcy, seguindo as concepções de Almeida. Mas também falamos da escritora Dalcy, cuja produção literária se debruça sobre si e sobre a própria trajetória, estabelecendo um diálogo profícuo com a profissional e com a intelectual.

subjetividades e poesia: a literatura que falava de si

o poeta é um indivíduo privilegiado que expressa em versos os seus devaneios, seu deslumbramento diante do belo e do encantamento do mundo. Fazer poesia é uma forma de olhar, de sentir e de expressar sentimentos em uma linguagem simbólica, metafórica, concisa.

É nessa atmosfera literária que apresentaremos algumas poesias e crônicas produzida por Dalcy que durante toda a sua trajetória e que, por isso, vão migrando de espaço e assumindo posturas que a tornaram uma grande referência como mulher, militante, professora, intelectual, leitora voraz de clássicos da literatura, e pesquisadora das Ciências.

Dentre os caminhos percorridos, a literatura sempre teve um grande espaço na vida de Dalcy, leitora de autores como Manoel de Barros, Ernesto Sábato, Garcia Márquez e também escritora. Durante diversos momentos de sua vida Dalcy dedicou-se a produzir poesias e crônicas que falavam dessa mulher, de seus devaneios, de suas verdades

Em um de seus textos ainda não publicado, denominado “Rosário sem contas”, Dalcy faz um relato poético do momento tão importante que foi a infância. Ela faz uma relação dos seus primeiros anos de vida com os escritos de João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida Severina*. Foi no município de Assú, localizado na microrregião do Vale do Açu, região oeste do Estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente em um pequeno povoado denominado “Rosário”, localizado na várzea do Assú, hoje conhecido

com Ipanguaçu, que aquela menina teve um contato integral com a natureza, com a cultura popular e passou por momentos ditos por ela, engraçados, mas que naquela época eram um verdadeiro terror.

Lá, me lembro bem da primeira casa que morei, era de taipa, sem reboco, isto é, o barro socado entre as madeiras, uma porta e uma janela, modelo comum no interior do Brasil. Um vasto quintal, local para onde acorriam muitos passarinhos a beliscar restos de comida jogadas pela minha mãe e outros elementos que lhes servissem de alimentos. Eram pássaros lindos, brancos de cabeças vermelhas que me encantavam e eu chorava porque queria pegá-los. Eram galos de campina. Quando corria atrás deles, os bichinhos voavam tão rapidamente que eu ficava a chorar. Havia também muitas cobras, grandes, pequenas, pretas, vermelhas que me aterrorizavam. Foi ali que também aprendi a ouvir o som do vento soprando, principalmente à tarde, quando os ventos alísios, aqui chamados de vento Nordeste, começava seu movimento. Apreciava a beleza das macambiras, das aroeiras, o cheiro da jurema. As flores silvestres que encantam o sertão, como também os funis de areia provocados pelos ventos que sopravam à tarde formados grandes redemoinhos, era assim que vivia (CRUZ, 2015).

Ainda nesse mesmo texto, Dalcy afirma que um dia brincava com seu casal de bonecos prediletos, que tinham por nome “Getúlio e Darcy”, visualizou pela primeira vez o trajeto de pessoas até o cemitério, vítimas da fome, da seca, ou de disputas de terras, e se chocou com o tratamento bruto que aquelas pessoas recebiam no momento final do sepultamento. Para complementar, Dalcy destaca o poema de João

Cabral de Melo Neto, inserido em *Morte e vida Severina*, intitulado: “*Encontro dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: ‘ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!’*”

A quem estais carregando,
Irmãos das almas,
Embrulhado nessa rede?
Direi que eu saiba,
A um defunto de nada,
Irmão das almas,
Que há muitas horas viaja
À sua morada.
E sabeis quem era ele,
Irmãos das almas,
Sabeis como ele se chama
Ou se chamava?
Severino Lavrador,
Irmão das almas
Severino Lavrador,
Mas já não lavra

Para Dalcy, essa foi uma das cenas mais fortes que marcaram sua infância no campo. O entendimento de tal situação se deu quando a mesma, já na academia, começa a fazer leituras sobre o movimento das ligas camponesas. Posteriormente, na década de 1960, Dalcy vive a efervescência da juventude, sempre em espaço de migração entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte, dando sua dedicação e militância às questões da reforma agrária.

Intercalado com esse momento de formação profissional e intelectual, Dalcy foi uma moça vaidosa e sempre soube articular isso à sua vida profissional. Também construiu por esses caminhos amizades sólidas e verdadeiras. Sua juventude foi marcada por características normais para uma moça daquela época, festas, danças, reuniões com os amigos, inícios e términos de namoros. Nessa atmosfera da juventude e do encontro com o amor, ela começa a escrever poemas.

Quando eu comecei a trabalhar em São Tomé mesmo estando vivendo o ápice da minha juventude levei um

certo tempo para formar meu ciclo de amizade e conhecer pessoas interessantes. Assim, eu ocupava meu tempo livre escrevendo sobre diversas coisas. O amor, a amizade² (CRUZ, 2015)

Esses poemas surgem, aqui, como retalhos de sua trajetória e pedaços da memória transformados pelo discurso e pela arte.

poesia: retalhos da subjetividade de dalcyr cruz

PRESENÇA

A tua presença me acompanha sempre
em todos os momentos
A tua presença é tudo, meu tormento,
meu anseio minha saudade , minha
alegria,
Minha companheira nas horas mais
alegres
Nas horas mais tristes nas horas de
maior solidão
A tua presença é a minha presença.
(CRUZ, 1970)

O poema Presença indica uma poeta cuja subjetividade se projeta, em versos livres ela pensa sobre a presença de alguém, algum amor, em sua vida. Um amor que a preenche, nesse momento, de saudade, mas uma saudade que não é melancólica, é alegre, porque permite reviver os momentos vividos com intensidade. Nesse poema, um eu-lírico alegre, cheio de ternura e de saudade, faz desconstruir a intelectual severa e a militante social, deixando entrever a jovem vivaz.

OLHOS PROFUNDOS

Tenho medo de olhar seus olhos
São escuros como a noite
São profundos como o mar
Porisso tenho medo de olhar seus olhos.
(CRUZ, 1970)

Em Olhos Profundos, a juventude, agora com medo do abismo dos olhos de um amado. Ainda a subjetividade aflorada, ainda o amor, dessa vez, diante do abismo da paixão e do medo da entrega. Um poema curto, sem rimas, mas cheios da experiência que se vai construindo ao longo da juventude: experiências de medo e de entrega.

OLHOS VERDES

Olhos verdes tentadores
Olhos verdes da cor do mar
A cor do verde dos seus olhos
Me faz sofrer, faz sonhar
Sonhar com a paz que inspira
O verde do teu olhar
Sofrer por ter a certeza
De nunca poder de olhar
Olhos verdes, esperança
De corações que te amam
Lua na dor e na bonança
De quem pode de fitar
Tormento dos que reclamam
O Verde do teu olhar (CRUZ, 1970)

Em Olhos Verdes são ainda os olhos os grandes elementos de encanto amoroso. Dessa vez, olhos que oferecem esperança e perdição, desejo e tormento, sonho e sofrimento. As antíteses frequentes do sentimento amoroso, presentes na literatura universal desde sempre.

QUERIA SER...

Queria ser nada, ninguém , espaço,
nuvem cinzenta
Pra não sentir você em mim
Nos meus olhos , nos meus sonhos
Na minha sombra
Sendo nada, ninguém
Sendo espaço
Nuvem cinzenta
Você ficaria onde está longe
Mas dentro de mim (CRUZ, 1970)

No poema Queria Ser ainda a mesma juventude fala pela voz do eu-lírico. Ela deseja não sentir a presença do ser amoroso em todos os

2 Relatos dados por Dalcyr em momentos de entrevista em sua casa.

seus momentos. Talvez, um amor indesejado, proibido, visita a sua imaginação e os seus sentimentos confusos a levam a desejar a fuga, sendo nada, sendo espaço, sendo nuvem que possa se manter inatingível diante do sofrimento que esse ser amado causa. Mas que, mesmo longe fisicamente, se mantém presente em seu coração.

No último poema que apresentamos aqui, Sua Sensibilidade, o olhar para o outro não deixa de trazer a subjetividade do eu-lírico que observa o outro. Um outro que pode ser malicioso ou generoso, dependendo de seu desejo, de sua vontade. No poema, os versos que caracterizam o ser observado trazem as imagens da vivência no sertão nordestino, pois lembram o porte alto-neiro da carnaúba, o caráter alto do xique-xique ou a generosidade do juazeiro da descrição.

Sua sensibilidade
É a sensibilidade da malícia
Ferida em sua superfície, se fecha
Seu porte, E o porte da carnaúba;
Esguia, altaneira, se eleva em meio a planície
Sempre em busca do alto, seu caráter,
é semelhante ao xique-xique
Servil e agressivo
Quando você quer sua generosidade
é como o juazeiro: acolhedor, risonho
sombra que abre (CRUZ,1970)

Os poemas analisados aqui fazem emergir a múltipla Dalcly Cruz, que se desdobra em pesquisas, na vivência acadêmica, nos relatos sobre a infância, mas que também sabe traduzir em versos os seus sentimentos, a suas reflexões sobre a vida, sobre o outro e sobre o mundo. Essas múltiplas Dalcly emergem dos múltiplos discursos, recompondo, pela memória (em depoimentos gravados e em textos recuperados de seu acervo pessoal), a sua trajetória e a sua constituição.

metamorfoses trazidas pelo tempo

Quase sempre a trajetória de vida de um indivíduo sofre metamorfoses trazidas pelo

tempo, por diversos motivos: mudanças políticas, sociais, emocionais, dentre outras. O que um mesmo sujeito pensava e acreditava em uma determinada época de seu itinerário de vida pode até manter-se em alguns aspectos, mas também pode mudar com o passar dos anos. Pode ainda, acoplar-se a novos pensamentos ou negar vivamente ideias anteriores.

A esse respeito é ilustrativo fazer memória ao que os teóricos classificam nas leituras de Karl Marx, como sendo escritos pelo “jovem Marx e Velho Marx”. Tal classificação se dá justamente pelo fato desse grande pensador ter se permitido rever temáticas, aprofundar algumas delas, rechaçar outras.

A partir de um determinado contexto, o indivíduo pode ser levado a vivenciar essas mudanças, traçando diversos percursos com idas e vindas, percorrendo diversos caminhos, mas que vão dando subsídios para que o sujeito se reconheça, faça escolhas e possa construir sua trajetória de vida.

As primeiras incursões na vida e obra de Dalcly da Silva Cruz nos permitiram chegar à produção desse artigo e nos permitiram perceber as mudanças significativas que essa intelectual pôde ou não se permitir viver durante a sua trajetória.

Durante a produção desse artigo descobrimos, diante da leitura do memorial de Dalcly, e também dos seus relatos, a sua total aproximação com a literatura não só como profunda apreciadora de obras que até hoje servem de referência para a ciência e para a vida, mas também como uma mulher que traria, por meio de poemas ou crônicas, subjetividades que ajudariam a compor espaços importantes da sua trajetória. 

referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada, politização do pensamento.** Natal:

EDUFRN, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRIAN, Denis. **Einstein**: a ciência da vida. Tradução: Vera Caputo. São Paulo: Ática, 1998.

CRUZ, Dalcy da Silva. **Fragmentos do seu memorial**. Natal, 2014

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. São Paulo: Rocco, 2013.

_____. **O dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

LUCENA, Thiago Izaías Nóbrega de. Escrever o movimento: o cinema Itinerante como reinvenção de uma estética do viver. 2014. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Eu não vim fazer um discurso**. São Paulo: Record, 2013.

_____. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução: Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Meus filósofos**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

_____. **O Método I**: a natureza da natureza. Tradução: Ilana Heinberg. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. Viveret, Patrick. Como viver em tempos de Crise? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Nogueira, M. L. **Mobilidade psicossocial**: a história de Nil na cidade vivida. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, FAFICH, 2004.

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Natal: Flecha do Tempo, 2007.

>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

***Nísia floresta: uma mulher de seu tempo, mas além da sua cultura*¹**

Genilson de Azevedo Farias

Nos nossos dias observa-se cada vez mais a atuação e desempenho de mulheres em diversos âmbitos da sociedade. Hoje se vê mulheres nas cátedras universitárias, exercendo a advocacia, a medicina ou a magistratura. Muitas ocupando cargos de comando, tais como vereadoras, deputadas, ministras, prefeitas, presidentas com a mesma capacidade e desenvoltura que os homens. Através dos tempos as mulheres vêm superando preconceitos e estereótipos ao mostrar sua atuação e eficácia, ao mesmo tempo, sua sensibilidade na resolução das questões sociais do seu tempo nas quais estão inseridas.

Mas ao percorrer a história das mulheres ocidentais, percebe-se que isso nem sempre foi assim, na maioria dos casos encontram-se relegadas a um plano inferior. Em relação às mulheres abastadas do século XIX no Brasil, encontram-se subordinadas primeiramente aos seus pais e quando casadas aos seus maridos. Enquanto estes assumiam o posto de chefe da família tendo que sustentá-las, exerciam ao mesmo tempo autoridade sobre a relação. À mulher burguesa por exemplo, cabia a tarefa de permanecer no espaço doméstico, executando inúmeras atividades, deixando a casa em ordem para o conforto do seu marido, além de

criar os filhos com esmero. Ociosas e recatadas, as mulheres tinham um estilo de vida restrito ao lar, segregadas e com pouquíssimas ocasiões de convívio no meio social.

Na contramão desse processo, outras mulheres foram às ruas nas cidades europeias nesse mesmo contexto reivindicando para si o direito ao voto. Já Outras, por sua vez, mesmo não fazendo parte de movimentos organizados, contestaram através da palavra escrita as expectativas que existiam em relação ao seu gênero colocando a cidadania das mulheres como carro-chefe de suas discussões. Esse foi o caso de Nísia Floresta. Nesse sentido, quando se pensa na luta das mulheres em prol de seus direitos no Brasil nos dias de hoje, é ela que se mostra como a primeira a levantar a bandeira do feminismo em nosso país, através da coragem e ousadia expressadas em seus escritos conforme nos diz a professora Constância Lima Duarte (2009), todavia, conterrâneos dessa intelectual ainda desconhecem o significado de sua luta.

1 O presente texto é uma versão atualizada e ampliada do texto que o autor apresentou à banca julgadora do 12º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação 2006/Projeto Memória na categoria de Ensino Superior que trouxe como tema: Nísia Floresta: uma brasileira à frente de seu tempo tendo sido reconhecido seu mérito, classificou-se como semi-finalista. Hoje o referido autor é graduado em História, mestre e doutorando em Ciências Sociais Pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN sob orientação da professora Dra. Ana Laudelina Ferreira Gomes, fazendo parte da Linha de pesquisa: Trajetórias, narrativas e poéticas de mulheres, artistas e intelectuais brasileiras coordenada pela mesma orientadora.

nísia floresta: uma mulher de seu tempo



Figura 1 – Nísia Floresta (1810-1885)².
Fonte: http://nisiaflorestaporluiscarlos-freire.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html. Acesso em 29 mar. 2016.

Nascida em solo potiguar a 12 de outubro de 1810 na pequena cidade de Papary, lugar que anos mais tarde receberia o seu nome, criou-se em meio a uma família tipicamente patriarcal indício disso foi o fato dela ter se casado com apenas 13 anos de idade com um rapaz que nem ao menos conhecia por imposição dos pais (DUARTE, 2008). Com poucos meses de casada rompeu com o compromisso alegando não amá-lo, tendo sido este fato o primeiro dentre os muitos que marcaria sua vida cheia de “atitudes desviantes”.

Anos mais tarde, conheceu o advogado e acadêmico Manuel Augusto de Faria Rocha na cidade de Olinda, por quem se apaixonou e passou a conviver maritalmente, tendo nascido desta união uma filha, Livia Augusta de Faria Rocha e um filho que morreu prematuramente (DUARTE, 2008). Com apenas 25 anos

Augusto morre repentinamente. Por amor a seu marido falecido e por sua terra mudou seu nome de Dionísia Gonçalves Pinto Lisboa para Nísia Floresta Brasileira Augusta, mas tais iniciativas, não foram bem vistas pelos seus contemporâneos, entre os quais, vale salientar a escritora e professora Isabel Gondim (1839-1933) (MORAIS, 2003).

Por tais motivos, mas não somente por esses, é que durante muito tempo, o nome de Nísia Floresta permaneceu obliterado nos estudos de história, cultura e literatura do Rio Grande do Norte, ficando, por exemplo, de fora de obras importantes que traziam nomes de escritores e intelectuais do nosso passado entre os quais *Informação da Literatura Potiguar* (2001) de Tarcísio Gurgel. Entretanto, anos antes, a professora Constância Lima Duarte já vinha implementando toda uma pesquisa a partir da trajetória de vida de Nísia e em torno dos textos nísianos publicados em sua maioria na França e em outras cidades brasileiras (DUARTE, 2008). Um verdadeiro trabalho de resgate haja vista que como nos afirmou a historiadora francesa Michelle Perrot:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígio (PERROT, 2015, p. 21).

Sobre isso, em relação à pesquisa realizada sobre Nísia, a própria pesquisadora Constância Lima Duarte nos diz:

Em torno da pesquisa que empreendi em torno da escritora, cujo acervo se encontrava praticamente desaparecido, foi preciso percorrer os caminhos de sua vida pelo país – do Nordeste ao Sul – e no exterior – em Portugal, na França e na Itália buscando seus

2 Segundo informações colhidas no Caderno Educação do Diário de Natal de 31 de Março de 2006, a imagem reproduzida da escritora logo acima, é um retrato produzido pelo artista Balthasar da Câmara e que pode ser contemplado na Galeria de Honra do Instituto Joaquim Nabuco em Recife. Ao lado do quadro de Nísia, encontra-se o quadro de outras figuras brasileiras, todos homens, tais como Duque de Caxias, José de Alencar e Santos Dumont.

escritos e sua presença na história literária e social de cada lugar. Mas não foi fácil, suas marcas, na maioria estavam apagadas pelo tempo e alguns de seus traços definitivamente perdidos. Afinal, muitos anos se passaram sem que fosse sequer lembrada. A aura de mistério, mais o preconceito que a envolveu, contribuiu para mantê-la mais distante e desconhecida para nós (DUARTE, 2009, p. 13-14).

Todavia, mesmo com todo o trabalho da pesquisadora muitos potiguares ainda hoje desmerecem o papel de Nísia para a formação de um mundo mais justo dizendo de forma raivosa: “Nísia, aquela feminista? Toda feminista é feia. Feminista fede. Feminista precisa de Homem. Feministas são todas ‘sapatão’, querem ser homens”. E tantos outros adjetivos e expressões misóginas que vem demonstrar toda uma série de preconceitos que foram “inventados” na passagem do século XIX para o século XX, sobretudo na imprensa que não dispensava requinte para ridicularizar a luta das mulheres por emancipação (SOIHET, 2004).

Ouvir frases como essas colocadas anteriormente, mostra todo o preconceito criado contra as mulheres do passado e suas lutas pelo acesso à cidadania quando votar, estudar e trabalhar eram as suas demandas, luta que ficou conhecida como a primeira onda feminista (PINTO, 2010). Todavia, ir de encontro às normas que eram esperadas para as mulheres era bastante complicado, pois isso representava uma transgressão grave, haja vista que havia todo um discurso inclusive médico e científico levado a cabo por médicos tais como Cesare Lombroso que afirmava que as mulheres não eram dotadas de poder reflexivo. Sobre isso nos diz a professora Rachel Soihet:

[...] os médicos, com seu domínio do conhecimento científico, afirmavam que a mulher foi formada para sentir, como o homem foi criado para pensar. Doenças, comportamento aberrante,

esterilidade, degeneração racial eram alguns dos perigos decorrentes da inversão desse princípio, inclusive porque o desenvolvimento do cérebro feminino resultava a atrofia do útero (SOIHET, 2013, p. 27).

Nesse sentido, produzir literatura já era em si uma transgressão, e essa mentalidade já vinha desde o medievo quando algumas delas começaram a escrever, mesmo que de forma isolada e clandestina (TELLES, 2015). Se fossem textos que apontassem sinais de ruptura com as normas vigentes era uma situação ainda pior, fato que fez com que muitas mulheres escritoras do passado permanecessem esquecidas ainda nos dias de hoje. Assim a professora Constância Lima Duarte apresenta em uma entrevista a cerca da invisibilidade de escritoras em livros de história literária no Brasil:

[...] quem escreve a história é o olhar masculino, e ele alijou essas autoras, deixando-as de lado. Como se faz o cânone? É a partir da recepção. O cânone – essa palavra tomada da religião, o canônico – é o modelar, considerado o modelo para as gerações posteriores. Isso é o cânone, e simplesmente ele é formado a partir de antologias. Alguém reúne os autores de seu tempo e não põe nenhuma mulher, outro vai e também não põe nenhuma mulher. Então suas obras morrem praticamente nas primeiras edições. O movimento de letras nacional e regional não dá o destaque que [essas escritoras] mereciam; não há isenção (DUARTE, 2009, p. 17).

Tal como Nísia, a escritora paulista Ercília Nogueira Cobra (1891-?) também ficou de fora do cânone e também pelo mesmo motivo de Nísia. Em *Virgindade inútil: novela de uma revoltada* (1922), *Virgindade anti-higiênica: preconceitos e convenções hipócritas* (1924), Ercília questionou a

exploração sexual da mulher numa época cheia de conservadorismo, ou seja, tal como diz a historiadora Danielle de Medeiros Sousa (2016), seus textos entravam em choque direto com o discurso dominante de sua época o que a levou à prisão acusada de ser pornográfica.

Sobre o discurso enquanto prática social da regulamentação, Michel Foucault diz que ele produz interdição e que, de tal forma, “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, que não pode falar qualquer coisa” (FOUCAULT, 2013, p. 9). Foi exatamente isso que aconteceu em relação à Nísia, à Ercília e tantas outras escritoras: foram interditadas e posteriormente obliteradas por ousarem produzir um tipo de literatura que em suas linhas reivindicava um novo modelo de existência para as mulheres, ou seja, foram interditadas porque ousaram falar daquilo que não deveriam falar.

Endossando essas questões a cientista social Ana Laudelina Ferreira Gomes em seu texto de 2000, refletiu sobre a receptividade da crítica para com a poeta Auta de Souza (1876-1901), sobretudo com a publicação do Horto em 1900. Comparando o tratamento dado pelos comentaristas dado a Auta de Souza e Nísia Floresta, ela salientou que ambas estiveram envoltas em concepções de viés sexista, sendo que a primeira aparece sempre associada ao modelo de “anjo do lar” enquanto a segunda, ao contrário, aparece ligada ao “monstro feminino”. Dessa forma, percebemos que:

Relacionando Auta a Nísia Floresta, percebemos nitidamente duas condutas distintas, na qual a primeira é considerada como modelo de mulher por se mostrar seguir os padrões de conduta da sociedade vigente enquanto sua conterrânea não se submete e se contrapõe. Assim, Eva e Maria certamente se fazem presentes nesse imaginário católico [...]. Ou seja, dentro da sociedade patriarcal, enquanto a primeira desobedece e é expulsa do

paraíso, a segunda se mostra obediente e submissa [...]. Assim, diferentemente de Nísia Floresta, que questionou abertamente as agruras de uma sociedade que vivia sob o domínio masculino e por tal motivo foi banida do cânone literário pelos círculos intelectuais, uma série de fatos dolorosos ligados à vida de Auta foram colocados em evidência pelos mesmos intelectuais ao ponto dela ter sido identificada como o padrão de mulher desejado pela sociedade masculina da época (FARIAS, 2015, p. 45-46).

Todavia, vale reforçar que embora Auta de Souza não tenha questionado abertamente os valores de sua época para as mulheres, querer estar atrelada ao espaço da literatura e da imprensa já “representava uma transgressão ao papel social atribuído às mulheres. No Brasil da época mais ainda” (GOMES, 2000, p. 49). Dessa forma, cada uma a seu modo, Auta de Souza e Nísia Floresta foram mulheres de seu tempo que ousaram ir de encontro à sua cultura. Nísia por exemplo, circulou pela Europa e teve acesso aos principais intelectuais do momento, às discussões mais avançadas acerca dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que foram postas em questão desde a “Revolução Francesa” e do “Movimento Iluminista” trazendo novas propostas para o Brasil o que de fato não se enquadrava à realidade cultural do país gerando resistência.

as bandeiras de nísia

Embora Nísia Floresta seja mais conhecida em função da sua militância feminista e atuação enquanto professora, vale destacar que ela também refletiu sobre outras questões que eram latentes em nosso país nesse mesmo contexto histórico. Em um momento em que a sociedade, a política, a economia e a cultura hegemônica era dominada por homens, escravista, monárquica e que subjugava os remanescentes indígenas, Nísia levantou diferentes bandeiras: foi feminista,

abolicionista, republicana e indianista em terras brasileiras que mal conseguia se libertar das amarras coloniais.

De fato as discussões eram bastante à frente para a realidade do Brasil, sobretudo para a realidade da então Província do Rio Grande do Norte, todavia, vale colocar que elas já eram feitas na Europa, por onde Nísia circulou e onde pode ter acesso à leituras e ao diálogo direto com muitos pensadores. Nísia esteve em consonância com a sua época a ponto de ter podido se apropriar do que se discutia num contexto internacional e fazer, em seguida, adaptações para a realidade de seu país que este sim estava em desacordo com as perspectivas teóricas e culturais num contexto global, a exemplo disso, pode-se citar o fato do Brasil ter sido a última nação no mundo a ter abolido a escravidão negra em 1888.

Acreditamos que um de seus méritos, foi ter sido contra os discursos hegemônicos de sua época, entre eles, a opressiva condição feminina, seus posicionamentos iam na contracorrente e incomodava as elites dirigentes do país mas também toda a camada social ainda muito conservadora. Refletindo esse conservadorismo, nos diz Isabel Gondim em 1884: “Devo, a bem da verdade dizer que a história da vida dessa mulher é de tal modo indecorosa que seria conveniente ficar sepultada entre nós, e jamais transpor as raízes do Rio Grande do Norte, nossa tão prezada terra Natal [...]” (GONDIM APUD MORAIS, 2003, p. 57). “Sepultamento” este que durante muito tempo de fato ocorreu.

Em contrapartida, foi o educador, político, escritor e dramaturgo Henrique Castriciano de Souza (1874-1947) anos mais tarde, o primeiro a salientar para a importância de se trazer à tona a figura esquecida de Nísia Floresta. Assim ele publicou no Almanaque Garnier em 1908: “Prestará inestimável serviço às letras pátrias quem estudar criteriosa e demoradamente essa por tantos títulos excepcional figura feminina, uma das primeiras da fase romântica entre nós” (CASTRICIANO APUD CÂMARA, 1997, p. 9). Inclusive foi em função de seus apelos e de diversos órgãos ao então presidente potiguar Café

Filho que os despojos da escritora foram trazidos de Bonsecours, região portuária da França onde morreu e foi sepultada, até sua terra Natal em 1954, após 69 anos de sua morte (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

O primeiro livro de Nísia Floresta foi publicado no Brasil em 1832, momento em que ela tinha apenas 22 anos, foi intitulado Direitos das mulheres e injustiça dos homens. Segundo pesquisas da professora Constância Duarte, a própria Nísia se referia à obra como uma “tradução livre” do livro da escritora inglesa Mary Wollstonecraft – *Vindications of the rights of woman* de 1792 e este, por sua vez, figurava enquanto uma crítica à Declaração Universal dos Direitos dos Homens (DUARTE, 2006). Todavia, conforme a mesma pesquisadora coloca, o texto de Nísia também se inspirava na Declaração dos direitos da mulher e da cidadã da francesa Olympe de Gouges e em outras obras de autores europeus como Poulain de La Barre e Sophie.

Neste texto, Nísia trata sobre os direitos das mulheres à instrução e ao trabalho mas também da necessidade delas serem vistas como seres inteligentes e dignos de respeito pela sociedade (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). Denuncia também a noção de superioridade masculina em uma sociedade tipicamente patriarcal, ou seja, uma sociedade governada por homens a qual se sustentava na valorização da sua força física em detrimento da fragilidade e impotência da mulher em função do aspecto biológico de gerar filhos e de criá-los.

Sobre o referido livro, nos diz a professora Constância Lima Duarte:

Nísia não realiza uma tradução no sentido convencional, mas escreve um outro texto, que será o seu texto sobre os direitos das mulheres brasileiras. Mary Wollstonecraft e demais autores lhe deram a motivação ao colocar em letra impressa questões pertinentes à mulheres europeias, e voltadas para o público de seu país. Nísia empreende então uma verdadeira “antropofagia

libertária”, ao que ainda acrescento: não como opção, mas por fatalidade histórica. Na deglutição geral das ideias estrangeiras aqui chegadas, era comum promover-se uma acomodação das mesmas ao cenário nacional. E é o que ela faz. Assimila as concepções apreendidas nos livros que lia, e devolve um outro produto, pessoal, em que cada palavra é vivida e os conceitos surgem como algo visceral, extraídos da experiência e mediatizadas pelo intelecto. Por isso costumo afirmar que, nesta “tradução livre” de Nísia Floresta temos o texto fundante do feminismo brasileiro, pois trata-se de uma nova escritura, ainda que inspirado na leitura de outros. (DUARTE, 2006, p. 19).

Nísia não apenas mostrava os pontos falhos da sua sociedade, mas mostrava soluções audaciosas. Em consonância com os demais intelectuais de sua época, acreditava que somente a educação e a instrução poderiam gerar o progresso de uma sociedade. Defendeu que a mulher era um ser dotadas de intelecto, mesmo quando o discurso hegemônico da época dizia que não, que ela era merecedora e suficientemente digna de ter livre acesso a estes bens, os quais fariam dela uma melhor esposa e melhor mãe, sendo assim, a finalidade primordial e indissolúvel da educação das meninas era “torná-las conscientes de seus deveres e papéis sociais” (DUARTE, 2006, p. 20).

Ainda no sítio Floresta teve seus primeiros contatos com os estudos sob influência de seu pai, um importante advogado de sua época (DUARTE, 2006). Nísia, nesse momento, desenvolveu os primeiros estudos de história, desenho, música, geometria, doutrina cristã, noções de aritmética e português, além de latim, francês e trabalhos com agulha (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação 2006).

Vale destacar, que nesse contexto era alto o nível de mulheres analfabetas, a maioria dos homens desse momento, ainda envolvidos numa

visão colonial e patriarcalista, não consideravam importante educar as meninas e moças, somente os pais e familiares mais sensíveis à questão é que estimulavam o estudo feminino como foi também o caso de Auta de Souza que estudou em escola religiosa mas isso, já no fim do século XIX.

Mais tarde, Nísia mudou-se para Goiana, cidade pernambucana onde pode desenvolver ainda mais seu potencial literário e intelectual. Em Recife e Olinda teve seus conhecimentos ampliados, tendo sido em Recife onde publicou seu primeiro livro (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). Durante cinco anos morou em Porto Alegre e em 1837 mudou-se para o Rio de Janeiro numa época marcada pela efervescência das escolas. Dessa forma, subsidiada por seus próprios méritos, inclusive econômicos, fundou uma escola à qual deu o nome de “Colégio Augusto” que iniciou suas atividades em 15 de fevereiro e que recebeu esse nome em homenagem ao grande amor de sua vida (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

Como educadora adotou métodos que valorizaram seus conhecimentos pedagógicos criticando o caráter quase comercial de grande parte das instituições de ensino de sua época, tendo oferecido um projeto educacional que voltava-se para as adolescentes, unindo o ensino tradicional baseado nos trabalhos manuais do lar com sólidos conhecimentos das ciências humanas, naturais e exatas (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). Em relação aos métodos adotados no “Colégio Augusto” por Nísia:

[...] lutou contra a rotina, desvelou-se pela formação moral das meninas e anunciou, no Rio, a inauguração do Colégio Augusto no Jornal do Comércio de 31 de janeiro de 1838, onde dizia que “além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo mais que toca a educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano e os princípios gerais de geografia. Haverá igualmente

neste colégio mestres de música e dança” (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006, p.06).

Mas tais iniciativas foram amplamente criticadas por educadores contemporâneos seus, que através de críticas anônimas publicadas em jornais, principalmente no Jornal do Comércio da capital carioca, consideravam as propostas educacionais executadas no “Colégio Augusto” muito avançadas e impróprias às meninas (DUARTE, 2006). Algumas das críticas à metodologia da escola, focava no fato dela enfatizar mais o ensino de línguas e ciências do que os trabalhos manuais.

Ao produzir literatura, Nísia Floresta surgiu rompendo com o discurso dominante que buscava modelar as relações entre homens e mulheres. Diferentemente, da grande massa de mulheres abastadas do Império brasileiro, submissas e analfabetas que foram destinatárias das ideologias culturais e religiosas cujos corpos e mentes eram normatizados conforme afirmou Jane Almeida (2007), Nísia buscou romper com o hegemônico.

Por tal motivo, Gilberto Freyre fala de Nísia sem esconder, em certa medida, seu espanto e ao mesmo tempo sem negar a sua visão preconceituosa em relação a outras mulheres cujo gênero diferenciava-se do de Nísia:

Raras as donas Veridianas da Silva Prado, cuja intervenção em atividades políticas superasse a dos maridos ainda vivos: as que existiram – quase todas já no fim do tempo Império – foram umas como excomungadas da ortodoxia patriarcal, destino a que não parece ter escapado a própria Nísia Floresta com todo seu talento e todas suas amizades ilustres na Europa. [...]. Nas letras, nos fins do século XIX, apareciam uma Carmem Dolores, depois de uma Júlia Lopes de Almeida. Antes delas, quase que só houve bacharelas mediócras, solteironas

pedantes ou simplórias colaboradoras do “Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”. E assim mesmo foram raras. Nísia Floresta surgiu como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio dos homens dominando sozinhos todas as atividades extradomésticas, e as próprias baronesas e viscondesas mal sabendo escrever; dos senhores mais finos e soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase histórias de trancoso, causa pasmo ver a figura como a de Nísia (FREYRE, 2004, p. 224-225).

Em outro momento Gilberto Freyre endossa a discussão sobre o pioneirismo de Nísia, ao mesmo tempo em que mostra a partir da citação o conservadorismo da época expresso no “ditado português”. Vale salientar que a própria religião católica que esteve ligada ao poder pelo “regime do padroado” da colônia ao início da República no Brasil adquiriu poderio sobre a população usando técnicas eficientes de controle, entre elas, a confissão, através da qual foi possível vigiar e punir as condutas desviantes (FOUCAULT, 2013), sobretudo das mulheres e suas sexualidades. Assim Freyre apresenta:

Num tempo em que as sinhas nacionais, segundo o velho ditado português, só deveriam sair de casa três vezes: batizar, casar e enterrar - e se afundarem, de cabeça e chinelo, na intimidade do serrallo das mucamas, a engordar e fazer rendas, neste tempo -, Nísia Floresta era feminista (FREYRE, 1985, APUD DUARTE, 2008, p. 143).

Dessa forma, produzir um contra discurso ao que era tido como o hegemônico em sua época custou-lhe o desprezo inclusive na terra natal da escritora, que a época chamava-se Papary. Conforme afirmou o professor e pesquisador da

obra de Nísia Floresta Luís Carlos Freire a Sergio Villar em entrevista, existem lendas contadas sobre ela que deturpam sua imagem e repudiam sua obra. Assim nos diz Sergio Villar a partir da entrevista feita ao professor:

[...] a escritora ainda é vista, em sua terra natal, como prostituta ou mulher de vida degenerada. Nunca é mencionada como educadora, reformadora da educação, abolicionista, indianista que procurou demarcar as terras dos índios, republicana, conferencista, fundadora de colégios e exímia escritora de livros e artigos reconhecidos no mundo (VILLAR, 2006, p. 16).

Vale ressaltar que essa entrevista foi feita há 10 anos atrás para fazer parte do Caderno Especial Educação do Diário de Natal. Será que esse preconceito na cidade de Nísia Floresta que é fruto do machismo da época da escritora ainda existe? Caberia uma nova sondagem. Mas vale colocar que ainda vivemos numa sociedade muito pautada por valores ditados pelo machismo onde a roupa e o comportamento das mulheres ainda é colocado em questão (PEDRO, 2015). Mulheres são violentadas física e simbolicamente quando não são assassinadas por seus companheiros, além de muitas serem vítimas de comentários sexistas e misóginos por executarem ações ou ocuparem espaços que os homens sempre pensaram que fossem seus. Um deles é o espaço da política, onde ainda vemos uma participação muito pequena de mulheres e as que fazem parte dele são constantemente vítimas de discursos de ódio na imprensa e nas redes sociais.

Ao longo de sua vida, Nísia publicou uma vasta obra, em Português, Francês e Italiano (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). A maioria delas, resultante dos 28 anos em que morou na Europa, como também, das várias viagens que fez. Escreveu alguns livros que contêm suas impressões dos lugares que visitou, descrevendo-os detalhadamente bem como as pessoas com as quais teve contato.

Como já dito anteriormente, Nísia Floresta estreou no cenário das letras escritas em 1832 ao publicar em Recife o livro Direitos das mulheres e injustiça dos homens com o qual lança as bases do feminismo no Brasil (DUARTE, 2006). O segundo livro veio a ser publicado em 1842, tendo sido escrito e dedicado à filha Lúvia em comemoração aos seus 12 anos de idade. Intitulado Conselhos à minha filha, assinando sob o pseudônimo de F. Augusta Brasileira, este trabalho obteve grande repercussão tendo sido, inclusive, a sua obra que mais teve edições e traduções (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

Vale observar que Nísia fez uso de vários pseudônimos, “Nísia Floresta Brasileira Augusta, Brasileira Augusta, Floresta Augusta, Augusta Brasileira, Floresta Brasileira Augusta, com as iniciais N. F. B. A., F. B. A. e, ainda, Tellesila e Une Brésilienne” (DUARTE, 2008, p. 13) ou simplesmente Nísia Floresta. Este fato certamente fazia parte das práticas culturais da época e era utilizado também por diversas escritoras como uma forma de auto-proteção das críticas que vinham em represália, haja vista que elas não eram valorizadas enquanto intelectuais, sobretudo no Brasil.

Muitas se valiam do uso de pseudônimos masculinos entre as quais destacamos Auta de Souza que usou na imprensa o pseudônimo “Hilário das Neves”. Assim, elas acabavam desviando os olhares dos críticos, em sua totalidade homens, que apenas toleravam a presença das mulheres publicando nos jornais, todavia, esses textos não poderiam ser contrários à moral vigente (MUZART, 1994).

Na sua terceira obra, Nísia faz a abordagem do indígena brasileiro. Em seu poema de 712 versos intitulado: A lágrima de um Caeté de 1849, ela se posiciona a respeito do silvícola (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). Mas, diferencialmente da visão romanceada difundida por Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, que o índio era o símbolo da identidade nacional, atribuindo a ele o título de “bom selvagem” e que era capaz de civilizar-se, Nísia vislumbra-o sob a ótica dos derrotados, do índio oprimido

e subjugado (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

Na produção nísiana o índio simbolizará um nativo sofrido, deturpado, com sua cultura em declínio e com a perda da identidade com sua terra:

Não cabem, pois, em seu índio, os epítetos de inocente, de puro e portador daquela “bondade natural”, idealizados nas teorias europeias e adotadas pelos demais escritores brasileiros. O contato com o homem branco revelou-se pernicioso demais para ele (e a história confirma) com consequências irreversíveis. A dor do indígena vem precisamente da consciência dessa irreversibilidade e do meio-lugar (ou lugar nenhuma) em que se encontra (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006, p. 07).

No ano seguinte, já residindo na França, é publicado na cidade de Niterói o romance histórico Dedicção a uma amiga, “segundo Constância, este livro deve ser considerado o primeiro romance escrito por um norte-rio-grandense” (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006, p. 09). Em 1853, no Rio de Janeiro após ter regressado da Europa, Nísia publicou Opúsculo Humanitário, uma coleção de artigos que versava sobre a emancipação feminina que mereceu inclusive notas elogiosas do filósofo Auguste Comte (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

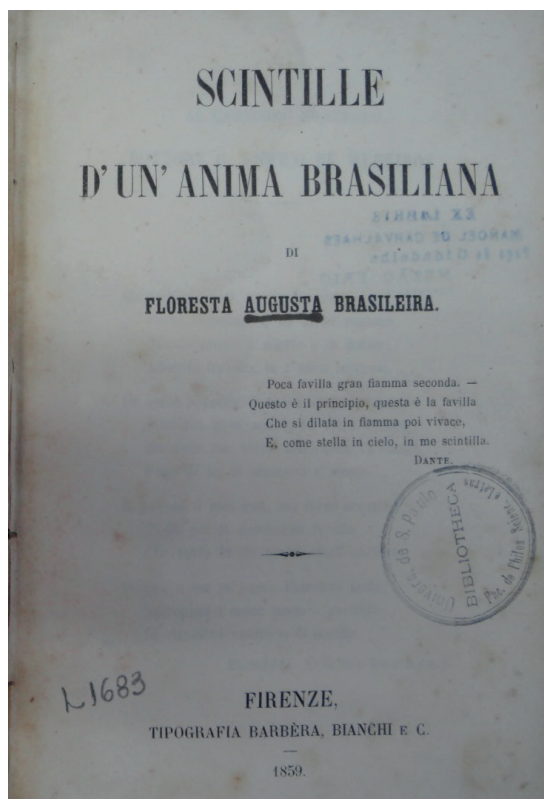


Figura 2 – Folha de rosto da primeira edição do livro *Scintille d'un' anima brasiliana* (Cintilações de uma alma brasileira) de 1859
Fonte: IEB - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP

Em 1857 publicou *Itineraire d'un Voyage en Allemagne* (Itinerário de uma viagem à Alemanha) e *Trois Ans em Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce* (Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia) publicados originalmente em língua francesa. O primeiro apresenta-se sobre o formato de cartas dirigidas ao seu filho e aos irmãos, já o segundo considerado a obra que demonstra sua maturidade intelectual, “contém anotações do ano anterior à unificação italiana, a descrição da luta, dos sentimentos populares, do clima revolucionário e ainda nos revela a admiração da autora pelos líderes Garibaldi e Azeglio, com quem se correspondeu” (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006, p. 09).

Outro trabalho seu publicado em 1859 em Florença na Itália foi *Scintille d'un' anima brasiliana* (Cintilações de uma alma brasileira), onde coloca em suas linhas como temáticas a educação dos

jovens e da mulher bem como a saudade de seu país há tanto tempo distante, cuja folha de rosto do livro reproduzimos logo acima e uma dedicatória escrita a próprio punho logo abaixo. Em 1867 publicou em Paris o romance *Parsis* (Paris) e em 1871 *Le Brésil* (O Brasil), um texto apaixonado sobre o seu país.

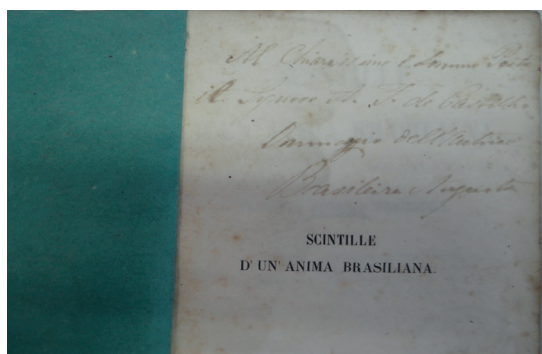


Figura 3 – Dedicatória escrita a próprio punho por Nísia Floresta em um exemplar da primeira edição do livro *Scintille d'un'anima brasileira* (Cintilações de uma alma brasileira) de 1859

Fonte: IEB - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – USP

O livro *Woman* (A mulher) foi publicado em 1865 sendo esta obra realizada a partir da tradução feita pela filha da autora Lúvia Augusta, a partir do original que foi publicado inicialmente em italiano *La Donna* (A mulher) (PROJETO MEMÓRIA, 2006). Esta obra configura-se numa mescla de ficção, ensaio, crônica e texto didático destinado à mulher adulta. Após ter passado uma temporada no Brasil, em 1878 regressa a Paris e publica seu último livro *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques* (Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas) trazendo informações a respeito do irmão e dados autobiográficos (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

Além desses livros, Nísia também escreveu e publicou outros textos no Brasil que não tiveram tanta repercussão e que durante muito tempo ficaram obliterados. O primeiro deles foi *Fany* ou o modelo das donzelas (1847) que tratava-se de uma novela didático-moralista

escrita por Nísia e que destinava-se a suas alunas do Colégio Augusto (PROJETO MEMÓRIA, 2006). O segundo, intitulado *Daciz* ou *a jovem completa* (1847) também se tratava de uma novela didático-moralista destinada às discentes de seu colégio, todavia, nunca foi encontrado um exemplar sequer, sabe-se que existiu devido informações contidas em antigos dicionários bibliográficos (PROJETO MEMÓRIA, 2006).

A autora também publicou *o Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), o qual consistia num pronunciamento destinado a suas alunas cheio de conselhos e que foi publicado sob o formato de Opúsculo (PROJETO MEMÓRIA, 2006). *Páginas de uma vida obscura – Um passeio ao aqueduto da carioca – Pranto filial* (1854) foi publicado em livro organizado em três artigos escritos para o jornal *O Brasil Ilustrado* (PROJETO MEMÓRIA, 2006).

No primeiro deles, *Páginas de uma vida obscura*, Nísia traz como temática os maus tratos que passavam os negros escravizados no Brasil. Em *Um passeio ao aqueduto da Carioca*, Nísia mostrou seu ufanismo, descrevendo todo seu sentimento de admiração à cidade do Rio de Janeiro (PROJETO MEMÓRIA, 2006). Por fim, em *Pranto Filial*, a autora fez um texto emocionado em homenagem à mãe recentemente falecida, fato que a abalou emocionalmente sobremaneira. Com excessão de *Daciz*, que como apresentado anteriormente se perdeu, os demais podem ser encontrados no livro *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*, obra organizada pela professora Constância e publicada em 2009.

Tendo feito parte do grupo de amigos do filósofo Augusto Comte, fundador do “Positivismo”, Nísia estabeleceu uma relação de admiração mútua e respeito intelectual, amizade pautada de visitas e correspondências, tendo recebido de Comte elogios por ter reunido num livro uma coleção de artigos sobre a emancipação feminina (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). Desta amizade rendeu uma obra: *Auguste Comte et Mme. Nísia Brasileira* (Cartas: Nísia Floresta & Augusto Comte),

publicada postumamente em 1929 a qual permite-nos vislumbrar as nuances e peculiaridades da amizade que os unia (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

Nísia publicou uma vasta obra literária conforme colocado acima, é importante salientar que alguns títulos tiveram traduções para várias línguas passando inclusive, por várias reedições ao longo dos anos. Nísia também foi uma das primeiras mulheres brasileiras a ter espaço na imprensa na cidade do Recife estreando em um jornal pernambucano intitulado Espelho das Brasileiras em 1831 (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006).

Colaborando com artigos, livros, novelas e contos Nísia mostrou sua militância em prol das minorias sendo sensível a diferentes causas. Além de educadora, feminista e indianista, ela também se mostrou contra a escravidão negra, um dos pilares de sustentação da sociedade patriarcal, visualizando resultados desastrosos que uma sociedade escravista legaria às suas gerações futuras (DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação, 2006). Em um país enlaçado pelo patriarcado, patrimonialismo e pelo latifúndio, Nísia se mostrou republicana denunciando um sistema que vetava um dos direitos mais necessários e que deveria ser comum a todos: a igualdade.

No entanto, apesar de todo o trabalho implementado por pesquisadores e pesquisadoras de renome, entre os quais destacamos a professora Constância Lima Duarte mais uma vez, acreditamos que a trajetória de vida e intelectual de Nísia ainda é desconhecida pelos potiguares. E o que é pior, mal vista e recriminada devido antigos preconceitos que historicamente foram cristalizados no imaginário social das pessoas tal como aqueles que são refletidos a partir das imagens depreciativas atribuídas às mulheres feministas que pontuamos acima.

Como indício desse descaso da população, observa-se a rejeição quase que absoluta ao projeto defendido pelo prefeito da cidade do Natal Carlos Eduardo Alves em 2015 que viabilizava mudar o nome da atual Avenida Senador Salgado Filho, que é uma extensão da BR – 101 e uma

das mais movimentadas da cidade, para Avenida Nísia Floresta (PORTAL NO AR, 2015a). Comerciantes e moradores da área chegaram quase que à unanimidade ao negarem o projeto implementado pela prefeitura alegando diversas justificativas para tal. Entre elas, pontuavam que a mudança pouco mudaria na vida da população, além de poder configurar em empecilho na entrega de correspondências dos moradores.

Já outros questionaram alegando que a questão da mudança do nome era vazia e que o prefeito deveria se preocupar com os problemas efetivos da cidade e mudar o nome da avenida não era uma questão relevante. Tais argumentos também foram compartilhados por vereadores da cidade que se posicionaram vetando a proposta do então prefeito e seu projeto (PORTAL NO AR, 2016b). Para alguns, parlamentares, tal homenagem não compensava os transtornos causados à vida da população que se utiliza da avenida como endereço de correspondência e o caso obteve ampla repercussão nas redes sociais o que dividiu opiniões e gerou bastante polêmica.

considerações finais

Nesse sentido, como discutimos anteriormente, ter se colocado contra diversos discursos dominantes de sua época legou-lhe o esquecimento que foi historicamente construído. Sendo feminista, abolicionista, indianista e republicana Nísia trouxe ao centro do debate questões que os grupos dirigentes do Brasil queriam deixar abafadas não é para menos que ela foi relegada ao ostracismo. Tendo sido trazida à tona só a partir da década de 1980, momento em que há um grande movimento de estudos sobre mulheres escritoras do passado em nosso país, momento este que renderá diversos trabalhos dos quais podemos citar a coletânea organizada pela professora Zahidé Muzart Lupinacci (2000).

Todavia, ainda se faz necessário dar a esta mulher o devido reconhecimento que merece. Acreditamos que na história da intelectualidade feminina do nosso país esse reconhecimento já existe, mas para além desse espaço, ela precisa

ser reconhecida na luta diária de cada indivíduo justamente por ela ter lutado por um mundo mais igualitário para todos. Talvez se esse (re) conhecimento já tivesse acontecido, as opiniões da população em relação à mudança do nome da Avenida de Natal teria sido outra. A não adesão da população à mudança em questão, a nosso ver, reflete o desconhecimento e o preconceito, sobretudo por ser a figura de uma mulher a ser colocada em evidência. Ainda existe uma dívida atrasada com esta personalidade da nossa história. Isso é um fato.

E tendo em mente tudo o que foi descrito, percebemos na figura de Nísia Floresta uma mulher sensível, culta, libertária e patriótica, mas acima de tudo, possuidora de grandeza e amplitude humana. O nome de Nísia Floresta deve ser sinônimo de orgulho para todos os norte-riograndenses, exatamente onde ela ainda é pouco conhecida. Tendo sido reconhecida enquanto uma das mentes femininas mais ilustradas de seu tempo, percebemos que o pensamento nísiano aflorado em pleno século XIX ainda é recorrente, suas lutas ainda não foram totalmente vencidas, principalmente quando vemos as injustiças sociais que direcionam-se contra as minorias, sobretudo em relação as mulheres.



referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: Porque ensinar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

CÂMARA, Adauro da. **História de Nísia Floresta.** Natal: Departamento de Imprensa, 1997. (Coleção Cultura, 5).

DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação. Nísia Floresta Brasileira Augusta. Natal, 31 de Março de 2006. 32 p.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra.** 2. Ed. Natal: EDUFRN, 2008.

_____. Entrevista. DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação. Nísia Floresta Brasileira Augusta. Natal, 31 de Março de 2006. 32 p.

_____. **Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas:** histórias de uma história mal contada. In: Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG. Niterói: EDUFF. 2009. p. 11-17.

_____. Entrevista. *Elas por elas*, n. 3, p. 15-19, ago. 2009.

_____. (Org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta.** Natal: EDUFRN: NCCEN: 2009. (Coleção Estudos Norte-riograndenses).

FARIAS, Genilson de Azevedo. *Auta de Souza no espaço público da imprensa e da literatura brasileira oitocentista.* In: **Caravela:** revista de literatura potiguar. Natal – Rio Grande do Norte, ano 1, n. 1. novembro de 2015. p. 40-52.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 23 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2013. (Leituras Filosóficas).

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 41 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados & Mucambos:** decadência do patriarcado rural desenvolvimento do urbano. 15. Ed. São Paulo: Global.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza e a escrita feminina nos oitocentos.* **Cronos**, Natal, v. 1, n. 2 p. 49-60. 2000.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar.** Natal: Argos, 2001.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim: uma nobre figura de mulher.** Natal: Fundação Vingt-un Rosado. 2003. (Coleção Mossoroense).

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Artimanhas nas entrelinhas:** leitura do paratexto de escritoras do século XIX. In: FUNCK, Suzana Bórneo (Org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura.* Florianópolis, SC: EDEME, 1994. p. 64-70.

_____. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX.** 2 ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2000. Antologia.

PEDRO, Joana Maria. **Meu corpo, minhas regras.** Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Dossiê: Feminismos:** modos de pensar, modos de fazer. Ano 10, n. 113. 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto. 2015.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Curitiba: **Revista de Sociologia e Política**. V. 18, n. 36, jun de 2010.

SOIHET, Raquel. **Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

_____. **Pisando no “sexo frágil”**. Revista Nossa História. Ano 1, n.3, Janeiro de 2004.

SOUSA, Danielle de Medeiros. **O grito do silêncio na obra de Ercília Nogueira Cobra: de mulher demoníaca a feminista pioneira**. 2016. Dissertação. (Mestrado em ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TELLES, Norma. **Outras palavras**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Dossiê Feminismos: modos de pensar, modos de fazer. Ano 10, n. 113. 2015.

VILLAR, Sérgio. **Entrevista**. DIÁRIO DE NATAL: Caderno Educação. Nísia Floresta Brasileira Augusta. Natal, 31 de Março de 2006. 32 p.

sites na internet

NÍSIA FLORESTA FAZ ANIVERSÁRIO.

Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=nisia+floresta&biw=1366&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjhmMX_q9zLAhWEipAKHZQDB-SoQ7AkIQg#imgsrc=TiO5phrCGCj0bM%3A.

Acesso em: 25 de mar. de 2016.

PORTAL NO AR. Disponível em: <https://portalnoar.com/natalenses-desaprovam-troca-de-nome-da-avenida-salgado-filho/>. Acesso em: 03 de março de 2016a.

_____. Disponível em: <https://portalnoar.com/vereadores-de-natal-reprovam-mudanca-de-nome-da-avenida-salgado-filho/>. Acesso em 03 de março de 2016b.

PROJETO MEMÓRIA. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/cre.html>. Acesso em 03 de março de 2016.

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

nº 2 / #1 abr - jun 2020

natal – rio grande do norte

periodicidade trimestral

>>galeria cícero oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cícero oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

esgarçamento entre feminino e masculino em o amor nos tempos do cólera: uma perspectiva de análise

*Cleuneide Rodrigues de Souza
Ilane Ferreira Cavalcante*

gabo e o amor nos tempos do cólera

No romance *O amor nos tempos do cólera* (2011), de Gabriel García Márquez, o autor apresenta a fecunda narrativa do amor de adolescência entre as personagens Florentino Ariza e Fermina Daza. Segundo Gabo, esse escrito é baseado na história de amor de seus pais.

Nesse sentido, o autor faz uso de um tom criativo e metafórico para reconstituir, a partir da narrativa de vida de seus pais, uma nova percepção do amor, tema que é pano de fundo principal do romance, mas que é pincelado, dentro de uma atmosfera onírica, com temas intrinsecamente ligados a ele como fidelidade, velhice e morte e, para além desses, e com menor rigor de predominância, entrelaça o enredo com realidades e costumes sociais acometidas na temporalidade do romance em estudo.

O enredo se passa no final do século XIX, em Cartagena das Índias, e narra a história do jovem Florentino Ariza, que se apaixona perdidamente pela jovem Fermina Daza, recém chegada à cidade. A narrativa é sublimada pelo encontro inesperado entre os dois jovens. O despertar do amor se passa em uma tarde qualquer em que Florentino é designado para entregar uma correspondência ao pai de Fermina, o Senhor Lorenzo Daza. Nesse momento, Fermina ensinava sua tia Escolástica a ler, quando no impetuoso instante de troca de olhares entre ambos surgem sensações que meio século depois não havia desaparecido. É a partir dessa cena que o autor invoca o universo narrativo do amor vivido pelos protagonistas:

No entanto, a relação dos jovens será comprometida por oposições familiares e sociais. Em princípio, a relação é mantida em segredo e com a ajuda compreensiva da tia Escolástica. Mas o segredo vem à tona e o pai, Lorenzo Daza, descobre o romance e proíbe permanentemente que Florentino se aproxime de Fermina.

A obsessão por ela, no entanto, persiste ao ponto dele jurar amor eterno e esperá-la até que a vida lhe ofereça uma segunda chance para conquistá-la. É, portanto, a partir dessa obstinação da personagem Florentino Ariza que a história vai ganhando forma e sentido. O romance parte de uma esfuziante história de amor juvenil para uma reflexão das diferentes percepções do que é o amor, a fidelidade, a velhice e a morte nos extratos sociais da época e principalmente, na percepção dos gêneros.

Gabriel García Márquez, ou simplesmente Gabo, foi escritor, jornalista, contista, ensaísta, crítico cinematográfico e um intelectual de forte atuação política, comprometido com os problemas sociais que perpassam pelo mundo e, consequentemente, por sua terra natal, Colômbia. Nasceu no dia 06 de março de 1927 em Aracataca, município de Magdalena no norte da Colômbia, e faleceu em 17 de abril de 2014 na cidade do México.

É a partir de sua relação familiar, vivenciada com seus avós, que nascem as bases e fontes inspiradoras de sua literatura, segundo o próprio autor, ambientada nas vivências do cotidiano, principalmente em sua infância, onde reside consideravelmente a fonte primeira da sua veia literária, assim como, a cultura popular de seu país. Esses aspectos, somados à astúcia criadora do autor, influenciam suas primeiras inspirações literárias e são a fonte de grande parte de suas criações.

Em vida, auferiu reconhecimento inegável pela atuante carreira de escritor e intelectual. O reconhecimento internacional de seu trabalho literário veio com a publicação de *Cem Anos de Solidão*, em 1967, que traz em suas páginas o estilo da escola do *realismo mágico* que marcou os livros do escritor. A partir daí, recebeu diversas homenagens.

a questão de gênero no romance

Ao longo da história ocidental, muitas discussões foram realizadas sobre o universo dos papéis sociais de gênero, principalmente nos anos 1960, quando se inicia a imprimir uma nova perspectiva no contexto político, social e histórico endossado pelas novas ideologias dos movimentos revolucionários, em especial os movimentos feministas, que se difundiram pelo mundo e ganharam aderência em várias esferas da sociedade.

Nessa perspectiva, os movimentos feministas se desenvolvem sob dois aspectos. O primeiro começa a tomar forma ainda no século XIX, preconizado pela luta feminista em prol de direitos igualitários entre mulheres e homens com o propósito de que os direitos garantidos aos homens fossem estendidos às mulheres. Nesse ínterim, os movimentos feministas se manifestam inicialmente sob a construção de uma relação de poder entre os sexos, de tal forma que, ao reivindicar seu espaço na sociedade, as feministas acabam por moldar certo antagonismo ao sexo oposto.

No segundo, em meados do século XX, quando o resultado dessa luta se consolida mais fortemente, opta-se por um conceito mais relacional, de gênero. Há, nessa fase, a ideia de que os gêneros, feminino e masculino, surgem e são construídos sob a égide social. Propõe-se, a partir desse novo contexto, a igualdade na diferença, ou seja, a mobilização feminista preconiza a ideia de que, apesar de terem direitos iguais, urgia um novo olhar para o respeito às diferenças entre os gêneros.

Frequentemente, o termo gênero é equivocadamente atribuído ao termo sexo. No entanto, para melhor compreendermos o que é gênero e o que é sexo, assinalamos a conceituação desses dois termos à luz da antropologia. Nessa perspectiva, o termo sexo se refere às características que distinguem os seres segundo a sua função reprodutora, ou simplesmente, aos aspectos biológicos do macho e da fêmea. Esse é um conceito natural, próprio do corpo, que não muda conforme a interação social apenas se desenvolve de acordo com as etapas da nossa

vida. É, portanto, uma conceituação estritamente vinculada à biologia e ao corpo.

Gênero, por sua vez, é uma construção social e, portanto, não natural e possível de mudanças conforme a interação e interesse social. É o conceito criado pela sociedade a partir das diferenças sexuais como forma de manifestar, social, histórica e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos, ou seja, o que representa os gêneros homem e mulher, feminino e masculino (as representações dos gêneros) e, consequentemente, os papéis e normas sociais atribuídos a cada um deles.

É deste modo, um conceito que gera a relação de interdependência o que chamamos de relação de gêneros socialmente estabelecida entre os indivíduos (nesse caso, entre o ser masculino e o feminino) e o meio em que eles vivem.

Desta forma, o conceito de gênero implica em uma relação binária que condiciona aos pares relacionados à condição de, ao mesmo tempo, serem opostos e complementares, negando a suposição social que estabelece os gêneros com valores distintos, valorizando a superioridade do gênero masculino e a submissão do feminino, e produzindo uma distribuição desigual em virtude do sexo.

Gênero é, portanto, um conceito vinculado como uma apreciação relacional, ou seja, um conceito que se estabelece a partir da interação entre os seres masculinos e femininos. O conceito, portanto, se contrapõe à dominação simbólica, em que as representações de gênero se definem por uma recíproca oposição que se caracteriza por uma relação de poder. De um lado a dominação masculina do outro, a subordinação e opressão feminina em que “[...] o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas [...]”. (BOURDIEU, 1999, p. 21).

A esse respeito, da unidade dominante atribuída ao masculino Butler (2007, p.76) reforça que:

El género es el índice lingüístico de la oposición política entre los sexos. Género se utiliza aquí en singular

porque realmente no hay dos géneros. Únicamente hay uno: elfemenino pues el “masculino” no es un género. Porque lo masculino no es lo masculino, sino lo general.

É interessante ressaltar que o termo gênero não é unicamente atribuído ao par relacional homem/mulher. Por ser uma conceituação inerente à relação entre indivíduos, esse termo pode abranger tantos outros pares relacionais como as relações entre pessoas do mesmo sexo, de etnias e classes sociais iguais ou diferentes. É, por conseguinte, um termo polissêmico no contexto relacional.

A partir desses excertos expostos, apresentamos a definição de representação, amparada na reflexão de Chartier (1982, p. 17) que defende que as representações do mundo social seriam determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas

econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.

Em outras palavras, o autor propõe que a natureza das representações sociais corresponde ao modo como o coletivo ou grupos sociais, e não o indivíduo, constroem e estabelecem diferentes significados dos estímulos do meio social que os rodeiam e, conseqüentemente, as possíveis respostas que podem supor esses estímulos para o processo da interação e comunicação social.

Logo, apreende-se que é dentro da esfera social que nascem as relações representativas dos gêneros, onde o feminino e o masculino desempenham e representam papéis antagônicos, com valores diferenciados como já mencionado anteriormente: o masculino ocupa a ordem dominante e ativa, enquanto o feminino a ordem submissa e passiva. Como afirma Bourdieu (1998, p. 39):

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, das relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre masculino e o feminino. Cabe aos homens, situados ao lado do exterior, do oficial, do alto, do descontínuo, [...]. As mulheres, pelo contrário, estando situada ao lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo [...]

A partir da citação do autor se pode pensar a relação entre gênero com base na categoria *habitus* que é entendida como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que

é experimentado e posto em prática, tendo em vista que os eventos individual, pessoal e subjetivo são respectivamente sociais e coletivamente orquestrados a partir do meio que o estimulam. É interessante perceber que o *habitus* não pressupõe uma forma rígida, por ser estimulado pela relação dos polos indivíduo/sociedade, ele se (re)elabora a partir das múltiplas interações estabelecidas entre esses dois polos.

Com base nesse pressuposto se pode considerar *habitus* como o produto da relação entre o indivíduo e a sociedade. Segundo Elias (1970), é nesse processo relacional, definido por ele de configuração (ou interdependência), que os indivíduos estabelecem os aspectos que os definem.

Desta forma, se estabelecem os aspectos representativos típicos de mulheres e homens, onde a estabilidade social rege que as mulheres desempenhem e representem o papel de sexo frágil, sentimental e submisso, dotados de emoção. Em contraposição, o homem deve impor e representar seu papel de figura forte, ativa e de instinto sexual desenvolvido, a forma dominante do regime falocêntrico agindo com a racionalidade e não com o emocional.

Sob essas perspectivas, no microcosmo ficcional em estudo, pode-se conjecturar sobre as características constitutivas dos personagens principais do romance *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel Garcia Márquez.

esgarçamento dos limites entre os gêneros no romance

Florentino e Fermina são o foco da análise, principalmente, permeados pelo olhar de gênero e pela sua inserção no contexto cultural que o autor representou. Tal pressuposto remete ao excedente de visão delineado intencionalmente pelo autor, em esgarçar as normas representativas dos papéis dos gêneros feminino e masculino ao construir a identidade das personagens. Nelas percebe-se aspectos prototipicamente femininos em Florentino Ariza, assim como aspectos prototipicamente masculinos em Fermina Daza.

Nesse sentido, o acabamento atribuído à

personagem a partir de sentimentos e ações reconhecidos como elementos tradicionalmente atribuídos ao mundo feminino como o do ser frágil, sentimental, calmo, tímido, de ser criado no universo feminino da mãe, de ser pessoa que jura fidelidade, que se despoja apenas no casamento e de ser submisso dependente do outro são traços de feminilidade socialmente constituídos e que são observados preponderantemente na construção identitária de Florentino Ariza, numa subversão às normas socialmente atribuídas ao mundo masculino. Na obra esses aspectos são perfilados em vários trechos que nos remetem ao esgarçamento dos gêneros. Observa-se o fragmento abaixo:

Lotário Thugut [...] Quando conheceu Florentino Ariza, a primeira coisa que fez com um certo deleito magistral foi iniciá-lo nos segredos do seu paraíso. Escolhia para ele as pássaras que lhe pareciam melhores, discutia com elas o preço e o modo, e se prontificava a pagar adiantado e com o seu dinheiro o serviço. Mas Florentino Ariza não aceitava era virgem, e havia proposto a si mesmo não deixar de sê-lo, se não fosse por amor. (Márquez, 2011, p. 83).

Opostamente, tem-se a representação da personagem Fermina Daza, que absorve elementos tradicionalmente atribuídos ao mundo masculino: a racionalidade no trato dos sentimentos, o caráter mais maduro e mais firme em seus propósitos, a independência, a altivez e a tomada de decisões, o que de certo modo, subverte as normas socialmente atribuídas ao mundo feminino preconizado na época em que se passa o enredo.

A última tentativa do doutor Urbino foi a mediação da irmã Franca de La Luz, Superiora do Colégio da Apresentação da Santíssima Virgem, [...] Não havia nada neste mundo que Fermina Daza odiasse mais do que ela, ou qualquer

coisa a ver com ela, [...] Foi uma visita breve e áspera. [...], quis saber a razão. [...] Então compreendeu. Perguntou a si mesma com que autoridade servia de emissária do amor uma mulher que lhe havia prejudicado a vida por causa de uma carta inocente, mas não se atreveu a falar assim. Disse, em resposta, que sim, que conhecia esse homem, e que ele não tinha o menor direito de se imiscuir em sua vida. [...] Fermina Daza sentiu a torrente do sangue que rugia em suas veias e então se atreveu. [...] Fermina Daza ruminou a impertinência olhando a freira sem pestanejar, olhou-a bem nos olhos, sem falar, ruminando em silêncio, até ver com infinito prazer que seus olhos de homem se anuviaram de lágrimas. Irmã franca de La Luz as enxugou com a bola do lenço e se pôs de pé. (MÁRQUEZ, 2011, p. 160-162).

Esses aspectos iniciais, que ora são observados, acabam por moldar e estabelecer uma ordem de interação entre as personagens que culmina no modelo relacional de gênero desconstruindo os padrões estabelecidos socialmente e respalda a subversão e o esgarçamento entre os dois gêneros como é proposto em nosso objeto de estudo.

Ressaltam-se, ainda, outros aspectos no enredo que acometem à observação. Tais aspectos, como a relação de Florentino com sua mãe, o caderno de confidências que se torna o espaço de escrita no qual ele se deleita no trato de questões inerentes às suas intimidades, seus sentimentos, seus pensamentos e os segredos de suas aventuras amorosas e, também, o traço lírico que Florentino não abandona jamais. Para ele, a única coisa sobre a qual conseguia pensar e falar era sobre o amor. Esses aspectos revelam-se como peculiares ao mundo feminino

[...] Aprendera a chorar com a mãe lendo os poetas locais que se vendiam em

praças e portas de loja em folhetos de dois centavos [...]. (Márquez, 2011, p. 99).

Nesse contexto, encontra-se uma forte influência desses aspectos na afinidade de Florentino com sua mãe sublimado, como já descrito, pela relação de confidência, de amparo e de intimidade que coexiste associada à relação de mãe e filha, assim como, a escrita atribuída aos gêneros confessionais, que se condiciona ao discurso reprimido que culturalmente é observado no universo feminino,

Fermina Daza estudava ali [...]. Estas notícias animaram Florentino Ariza, pois lhe indicavam que a bela adolescente de olhos amendoados estava ao alcance de seus sonhos. [...] Por isso, resolveu mandar-lhe um recado simples escrito dos dois lados de uma folha de papel com sua caprichada letra de escrivão. Mas guardou-a vários dias no bolso, pensando em como entregá-la, e enquanto pensava escrevia várias páginas mais antes de se deitar, de modo que a carta original foi virando um dicionário de galanteios, [...]. A carta tinha mais de sessenta páginas escritas dos dois lados quando Florentino Ariza não pôde resistir mais à opressão do seu segredo, e se abriu sem reservas à mãe, a única pessoa com quem se permitia algumas confidências. Transito Ariza se comoveu até as lágrimas com a candura do filho em assuntos de amor. (MÁRQUEZ, 2011, p. 74-76).

Dentre os vários aspectos de esgarçamento de gênero observados na personagem Florentino Ariza, a conservação do recato e da virgindade, sob determinado ponto de vista, representam os traços mais preponderantemente femininos estabelecidos pela normativa social. Esse aspecto induz consequentemente à

outra característica marcadamente atribuída ao universo feminino, a fidelidade. Essa exterioridade estática produzida em Florentino resvala a representação da natureza feminina sonhadora e idealizadora do mundo dos romances. Essas características eram concebidas como naturais ao universo das mulheres segundo as exigências sociais e, produziam dentro desse contexto, o viés da dominação de gênero.

E, homóloga a essa representação atribuída à personagem Florentino, remete-se ao mito de Penélope, figura da mitologia grega, que retrata uma das mais evidentes e populares representações de feminilidade. Nesse mito, a personagem é a pessoa que espera pelo amado e jura fidelidade eterna. Ainda se encontra pontos convergentes entre essas personagens e suas histórias de amor, como a duração da espera e o artifício que ambos constroem para suportar a espera. Florentino tece sua espera nos inúmeros romances que anota em seu caderno de registros amorosos e Penélope, por sua vez, condiciona sua espera tecendo uma colcha. Para ambos, esses subterfúgios têm objetivo de protegê-los e aquecê-los nos seus piores momentos de abandono e solidão.

Florentino Ariza, por outro lado, não deixara de pensar nela um único instante desde que Fermina Daza o rechaçou sem apelação depois de uns amores longos e contrariados, e haviam transcorrido a partir de então cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias. Não tivera que manter a conta do esquecimento fazendo uma risca diária nas paredes de um calabouço, porque não se havia passado um dia sem que acontecesse alguma coisa que o fizesse lembrar-se dela. [...] Eram suas únicas armas, e com elas travou batalhas históricas mas em segredo absoluto, que foi registrando com um rigor de notário num caderno cifrado, colocado entre muitos outros com um título que dizia tudo: *Elas*. (MÁRQUEZ, 2011, p. 71 e 193).

Esses aspectos, por sua vez, não são peculiares ao universo de Fermina. Para ela, o eixo estruturador de seus princípios sociais se produz a partir da convivência de aparências com seu pai em virtude da orfandade de mãe. Pelo infortúnio da atenção dada aos galanteios de Florentino, ela é afastada de sua referência materna, tia Escolástica, o que propicia a ela o início do precoce amadurecimento e a configuração de uma personalidade altiva, independente e decidida:

Fermina Daza não se libertou nunca da última lembrança dela, na tarde em que ela lhe disse adeus no portal ardendo em febre dentro do hábito pardo, [...]. Lorenzo Daza não previu a ferocidade com que a filha reagiria ao castigo injusto de que foi vítima tia Escolástica, que identificava sempre com a mãe de quem não se lembrava. Fechou-se com tranca no quarto, sem comer nem beber, e quando ele conseguiu por fim que ela abrisse a porta, primeiro com ameaças e depois com súplicas mal disfarçadas, esbarrou numa pantera ferida que jamias voltaria a ter quinze anos. (MÁRQUEZ, 2011, p. 104).

Com efeito, a austeridade paterna de Lorenzo Daza a esse relacionamento se dava, não só pela sua personalidade áspera e grosseira, mas pelo propósito de fazer sua filha uma dama de prestígio na sociedade burguesa, depois da morte de sua esposa e, para tanto, “[...] a irrupção de Florentino Ariza tinha sido um tropeço imprevisto naquele plano encarniçado [...]” (MÁRQUEZ, 2011, p. 107). Lorenzo Daza, na sua condição de pessoa de poucos estudos, traficante de mulas e sem estirpe esmerava um futuro mais promissor para sua filha, de modo, que:

Quando a filha terminou a escola primária, com grau dez em tudo e louvor no ato de encerramento, ele compreendeu que o âmbito de São João da Ciénaga era estreito demais para seus sonhos.

Então liquidou terras e bestas, e se mudou com ímpetos novos e setenta mil pesos ouro para esta cidade em ruínas e com suas glórias carcomidas, mas onde uma mulher bela e educada à antiga tinha ainda a possibilidade de nascer de novo num casamento de fortuna. (MÁRQUEZ, 2011, p. 106-107).

Vê-se, nesse fragmento, uma intencionalidade do autor em perfilar a configuração relacional indivíduo/sociedade da época. De um lado, os grupos sociais da burguesia que estabeleciam os valores a serem seguidos, do outro os grupos submissos a esses valores. Essas divisões constitutivas da ordem social culminam na visão de interdependência defendida por Elias (1970) em que o princípio dessa relação se dá a partir de uma matriz cultural que estimula os indivíduos pertencentes a determinado grupo a estabelecerem características de uma identidade social prevalecente que os defina.

Perfilando outros aspectos, agora de caráter mais semântico, prescreve-se uma análise de ruptura de gênero a partir dos nomes das personagens. A relação aqui defendida parte da definição dos nomes. Nessa perspectiva, analisamos inicialmente o nome Florentino que, Segundo o Hoauaiss (2009), define-se como a forma derivada da palavra Florença (em italiano: *Firenze* e em latim: *Florentia*), cidade italiana que significa cidade das flores, ainda, se diz do habitante dessa cidade. Logo, observamos que há certa relação semântica desse nome com a palavra matriz “flor”, se notarmos o radical desse nome é a palavra “flor”, que significa representativamente, no contexto linguístico, dentre outras coisas, o símbolo da beleza, da delicadeza e da pureza femininas. Desse modo, ousa-se atar uma significativa analogia entre esses nomes. Assim como se cunha a analogia ao nome Fermina como variante do nome Firmino (origem do latim: *Fermin*) e significa algo firme, austero, rígido, severo.

Dessa forma, no bojo consensual dessas analogias semânticas e sem maiores pretensões,

com um olhar subjetivamente especulador, acredita-se pertinente a analogia do nome Florentino, enquanto personagem masculina de personalidade frágil e emocional, e Fermina, enquanto personagem feminina de caráter decidido e racional, à proposta investigada.

Cabe ressaltar que em alguns fragmentos do enredo coexiste uma relação bem significativa entre a personagem Florentino Ariza com as flores, o que demonstra uma personalidade feminina arraigada de sensibilidade.

— A única coisa que lhe peço é que receba uma carta [...]. Fermina Daza se levantou e sentou na outra cadeira. Florentino Ariza, com uma camélia branca na botoeira da sobrecasaca, atravessou então a rua e parou diante dela. [...] Ela lhe agradeceu com seu primeiro sorriso, e quase lhe arrebatou a carta, que dobrou e escondeu no corpinho. Ele lhe ofereceu a camélia que trazia na lapela. [...] Anos mais tarde, quando procurava lembrar como era na realidade a donzela idealizada com a alquimia da poesia [...]. Foi essa a época em que cedeu aos ímpetos de comer as gardênias que trânsito Ariza cultivava nos canteiros do pátio, e desse modo conheceu o sabor de Fermina Daza. (MÁRQUEZ, 2011, p. 80-86).

De modo oposto, a personalidade de Fermina vai sendo cunhada com a preponderância das feições da racionalidade masculina:

Aprendeu a fumar ao contrário, com a brasa dentro da boca. Como fumava os homens nas noites das guerras para não serem denunciados pela ponta incandescente do charuto. Mas nunca tinha fumado sozinha. Com Hildebranda na casa passou a fazê-lo todas as noites antes de dormir, e desde então adquiriu o hábito de fumar, embora sempre às escondidas,

mesmo do marido e dos filhos, não só porque era malvisto que mulher fumasse em público, como porque tinha o prazer associado à clandestinidade. (MÁRQUEZ, 2011, p. 163).

Seguindo com a proposta de desconstrução dos gêneros, destaca-se o trecho abaixo, que sugere a ruptura de aspectos representativos típicos do contexto masculino. Nesse exposto, infere-se uma tradução semanticamente análoga das expressões “sem testemunhas” e “raiva surda” à normativa social de que homem não chora e deve agir com a racionalidade e não com o emocional, ou seja, o fato da personagem Fermina chorar sem testemunhas e em silêncio converge às exigências sociais de que o homem, na qualidade de referente dominador, não resvale sentimentos de fraqueza. Para além disso, ressalta-se o fato desse condicionamento ser atribuído, dentro do enredo, ao gênero feminino respaldando a hipótese sugerida de esgarçamento.

Chorou pela primeira vez desde a tarde do desastre, sem testemunhas, que era seu único jeito de chorar. [...] Fermina Daza não pôde reprimir um suspiro de alívio quando recebeu a notícia da morte, e não pôs luto para evitar perguntas, mas durante vários meses chorava com uma raiva surda sem saber por que quando se trancava para fumar no banheiro, é que chorava por ele. (MÁRQUEZ. 2011, p. 69 e 263);

Para tanto, ao vincular essas características possivelmente femininas e masculinas nas respectivas personagens, Florentino e Fermina à temática amorosa, o autor vai cunhando com forte carga antagônica à identidade das duas personagens. E, desse modo, constituindo entre eles uma relação de gênero amparada na conceituação de interdependência defendida por Elias (1970) como uma ordem binária de dominação e complementação.

as rupturas na obra de gabo

Gabriel García Márquez alcançou visibilidade surpreendente para a literatura latino-americana a partir de sua forma revolucionária de contar história que ficou conhecida como *Egênero* que funde o universo real com o mágico, que tem como pano de fundo a apresentação de elementos irrealis ou extraordinários como algo habitual e corriqueiro, elementos verossímeis na cultura latino-americana) no período de declarada fertilidade literária, preconizada pelo movimento *Boom* latino-americano.

O amor nos tempos do cólera (2011) é a narrativa que radica do amor contrariado dos pais de Gabo. Um romance inspirado na realidade cotidiana do microcosmo familiar do próprio autor e, pincelado com as nuances de vários subtextos que refletem sobre os problemas sociais, políticos e culturais, e dentre outras coisas, revisita criticamente parte da temporalidade histórica da Colômbia. É, uma obra longe de vislumbrar um romance perenemente histórico, mas, não abandona o teor historiográfico de uma época considerando sempre como cerne de sua construção ficcional a realidade como matéria prima.

Desse modo, a intencionalidade do autor é partir de uma esfera micro-social (família) para uma esfera macro-social (sociedade), ou seja, relatar um evento real, a vida de seus pais, com a intencionalidade de “macromizar” seu excedente de visão com relação à sociedade e o próprio sujeito dentro do social a partir de um evento ficcional, o romance, reverberando assim suas experiências, percepções e conhecimento de mundo.

A partir daí, a narrativa é centrada na intimidade dos protagonistas, Florentino Ariza e Fermina Daza, que são as figuras representativas do casal que inspirou a história, atribuindo a eles novas ações e construindo novas identidades. No entanto, não deixa de vislumbrar fatos que ultrapassam o domínio do microcosmo familiar, mas, retrata também, aspectos macro sociais e culturais da Colômbia do século XIX, ambientando sua escrita dentro de um universo mágico e extraordinário.

No tocante ao recorte cerne da nossa pesquisa que é, analisar a ruptura dos papéis do feminino e masculino configurados nas personagens Florentino Ariza e Fermina Daza, percebe-se que a partir dessa apreciação foi possível conjecturar uma releitura dos aspectos socialmente instituídos ao termo gênero e, para tanto, experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber a leitura, assim como, aspectos sociais, políticos, históricos e culturais de uma época eternizados na obra de Gabo.

Para tanto, busca-se delinear e registrar, sem maiores pretensões, esses aspectos observados no romance, a partir da matéria-prima viva e mutante que é a subjetividade utilizada pelo o autor para não apenas relatar os fatos, mas buscando transcendê-los e narrá-los de forma particular, evocando um estilo dualístico que permeia o factual e o imaginário.



referências

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. ANDRADE, Thamyres Ramos de. **A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola.** Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rc=t=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QF-jAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ufpi.br%2Fsub-siteFiles%2Fppged%2Farquivos%2Ffiles%2FVI-encontro.2010%2FGT.10%2FGT_10_01_2010.pdf&ei=x2ApVJmG4a7yQT7yYHoCw&usg=AFQjC-NGNl3xtZ7lWJW6LGg27GeIE2eGdxQ&bvm=b-v.76247554,d.eXY27> Acesso em: 27 de set. 2014.

ANABITARTE, Ana. VÁZQUEZ, Ángeles. **Literatura – Escritores:** García Márquez. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/default.htm>> Acesso em: 21 jan. 2014.

BRAGANÇA, Maurício de. Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana. In: _____. **Revista Ipotesi.** Universidade Federal de Juiz de Fora: Ed. UFJF. V.12, n:1. Juiz de Fora. p. 119-133. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **El género en disputa: El feminismo y la subversión de la identidad.** Tradução de Maria Antônia Muñoz. Barcelona: Paidós, 2007.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. PIERRE BOURDIEU SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO. In: _____. **Revista Ártemis.** V. 1. dez. 2004.

Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis>> Acesso em: 27 set. 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Portugal. DIFEL. Coleção Memória e Sociedade. 2002.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Portugal, Edições 70. 2008. Coleção Biblioteca 70.

FILHO, Antonio Gonçalves. **O Estado de São Paulo - Morre Gabriel García Márquez.** Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,morre-gabriel-garcia-marquez,1155304>> Acesso em: 7 de jul. 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cheiro de goiaba:** Conversa com Plínio Apuleyo Mendonza. Tradução de Eliane Zagury. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____, Gabriel García. **O amor nos tempos do cólera.** Tradução de Antônio Callado. ed. 37 Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____, Gabriel García. **Vivir para contarla.** Bogota: Norma, 2002.

MELO, João de. Gabriel García Marquez e o Realismo Mágico Latino-Americano. In: _____. **Camões Revista de Letras e Culturas Lusófonas – Ibero-americanas.** Portugal, Instituto Camões, n° 2. 1998. p 37- 45.

XAVIER, Larissa Pinheiro. Literatura e Realidade em O amor nos tempos de cólera, de Gabriel García Márquez. In: _____. **Revista Entrelaces – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras UFC.** Ano 3, n 2. 2013. p 37-50.

>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

edições CLIMA, capítulo da história do livro no rio grande do norte

Gustavo Sobral

Tudo começou com uma gráfica, depois veio a livraria, depois a editora. A gráfica era ganha pão. Preso pela Ditadura em 1964, destituído do seu cargo de professor na universidade, o jornalista e professor Carlos Alberto de Lima (Natal/RN, 1941-1997), o Calor Lima, foi buscar uma forma de sustento, e por que não uma empresa familiar? Chamou os irmãos, firmou a sociedade e afixou a placa CLIMA, C de Carlos mais seu sobrenome LIMA, adquirindo um velho maquinário gráfico. E comandou um negócio de sucesso que só fez prosperar, conectando todos os elos da cadeia produtiva, da produção à comercialização. Se a gráfica era a matriz produtora de recibos, notas fiscais, formulários, convites etc., a papelaria seria o ponto de venda de todo o material produzido a que se introduziu a venda de livros e livros didáticos tomando ares de livraria até chegar a produção de livros locais, que também ali seriam vendidos.

ribeira – onde tudo re_começa

E a firma começou como todas as outras da cidade. Na Ribeira velha de guerra, centro produtor e comercial. As casas comerciais da Ribeira sólidas em sua permanência de décadas cujos negócios eram tomados pelas famílias e repassados aos seus descendentes. Experiência que Carlos Lima repetiria do pai, comerciante de secos e molhados instituído e consolidado no bairro. Mas Carlos preferiu seguir com seu próprio negócio. A experiência editorial exitosa, na companhia do jornalista Ubirajara Macedo, editou a revista *Cadernos do Rio Grande do Norte* e repetiu o sucesso da iniciativa com o jornal *Folha dos Municípios*, foi o princípio da atividade editorial que empreenderia, posteriormente, publicando autores locais. E desenhou o selo

da CLIMA compondo a sua marca com o mapa do Rio Grande do Norte, conquistando todo o Estado. E tudo foi levado com recursos próprios.

Os livros eram financiados pela editora e os autores recebiam entre cinco e dez por cento a título de direitos autorais, alguns autores, quando o livro não interessava diretamente a CLIMA, valiam-se dos seus serviços de edição e custeavam todo o processo de edição. Consta na história das Edições CLIMA a publicação do livro de poemas de Rubens Lemos (Santana dos Matos/RN, 1941 - Natal /RN, 1999) - como obra inaugural de um trabalho editorial que levaria ao longo dos anos a confecção de cento e vinte e oito títulos e que lhe concedeu, entre outros méritos que se lhe pode atribuir, como a doação de livros a bibliotecas do Estado, a medalha de Mérito Cultural da União Brasileira de Escritores. *Ciclos da Pedra e do Cão*, o título, livro de poemas de autoria de Rubens Lemos, publicado em 1978, deu início a Edições CLIMA em cuja contracapa vinha o anúncio do próprio Carlos Lima: “Com Rubens Lemos, iniciamos um caminho diferente: editar os autores do nosso Estado. O campo está aberto. Todos terão vez. Uma maneira, com muita humildade, de tentar divulgar a “bitolada” (em termos editoriais) cultura do Rio Grande do Norte”.

jornalista e livreiro

Resultado da concepção, pensamento, ideias, criação e invenção, o livro é fruto do trabalho de um escritor que revela algum conhecimento sobre tema ou assunto e encerra um conteúdo. Mas também é um objeto. Quando Gutenberg (Mogúncia, Alemanha, 1398 - 1468) inventou a prensa, o livro chegou a era da reprodutibilidade técnica, e assim nasceu a história do livro. O livro é resultado de um processo industrial. Foi o que Carlos Lima, jornalista, leitor voraz, e livreiro nato não deixou de ter em mente. Por isso foi além de um mero mecenas, publicando os livros dos seus confrades, mas também garantiu condições para que fossem comercializados. A cadeia do livro partia do manuscrito que preparado

transformava-se em livro na gráfica e que dali deveria sair para as livrarias onde o destinatário final da cadeia, o leitor, teria acesso. Em todos as etapas do processo Carlos Lima atuou com competência, sabia receber os autores, sabia confeccionar o livro e sabia apresentar ao leitor na livraria o conteúdo que encerravam.

O equipamento gráfico adquirido por Lima era uma herança dos tempos modernos da indústria gráfica que nasceu com a prensa. A invenção da prensa no século XIV permitiu a gravação do conteúdo em blocos de madeira que formariam cada uma uma página do livro, os blocos eram mergulhados na tinta e o conteúdo era passado para o papel, permitindo a confecção de várias cópias. A prensa era como um carimbo e as páginas depois encadernadas viravam o livro. Sistema que ficou conhecido como tipográfico e foi a primeira forma de se fazer livros. Cada letra era um tipo que arrumados num caixilho formavam uma página, que impressos na folha compunham as páginas que, juntas, formavam um caderno, e a junção dos cadernos, o miolo, e o miolo acrescido da capa, colada, grampeada ou costurada, um livro. Na lombada, para sua identificação, o título e o nome do autor.

Em linhas gerais, não era outra a forma de se fazer livros, e foi por este caminho que Carlos Lima seguiu aliando a sua experiência gráfica ao projeto editorial e assim compôs a Edições CLIMA. Pois todo este processo de confecção do livro não existe se não há a figura do editor. A tarefa do editor compreende todo o ciclo do livro, do recebimento do manuscrito ao destino final: as prateleiras das livrarias. Carlos Lima era quem recebia os autores, conversava com eles, trata dos aspectos do contrato e da edição e repassava o trabalho para as demais etapas de edição. É ele, o editor, quem comanda a transformação de um manuscrito no objeto livro. O editor é o responsável pela criação do livro, é ele quem, seja na gráfica ou na editora, orchestra a atividade de revisores, diagramadores, capistas e impressão, que se completa, Carlos Lima sabia disso, com a distribuição e a comercialização

do livro, pois, o que adianta a publicação de um autor se o livro não chega ao público leitor.

os primeiros títulos

A Edições CLIMA começou com o livro de poemas *Ciclos de pedra e do cão* de Rubens Lemos; seguiu para o livro de contos *O Eterno paraíso*, de Tarcísio Gurgel; crônicas *Jornal Amado*, de Franklin Jorge; a *Para mau bebedor meia garrafa basta*, de Racine Santos, livro de humor; a novela *De como se perdeu o Gajeiro Curió*, de Newton Navarro (Natal/RN, 1928-1992); o roteiro turístico de Manoel Onofre Jr., *Breviário da cidade do Natal*; *Os dias e as noites*, reunião de poemas de Deífilo Gurgel (Areia Branca/RN, 1926 – Natal/RN, 2012), e assim por diante até o centésimo vigésimo oitavo livro. O start foi em 1978, quando a atividade gráfica e livreira já estava consolidada, que começou em 1965, e Carlos Lima sentiu a firmeza e a necessidade, sempre era procurado pelos autores, em busca de indicações e dos seus serviços para produzirem seus livros, de ele mesmo empreender no campo editorial.

Na história do livro local, o empreendimento privado, constituição de uma gráfica a publicar os autores locais, é tardia. A primeira gráfica a atuar como selo editorial foi a gráfica, editora e livraria CLIMA. Carlos começou sem definições de linha editorial, publicando aquilo que lhe parecia pertinente e lhe chegava as mãos, um breve passeio pelos títulos publicados (infelizmente não há um catálogo instituído, ou uma lista completa das obras editadas por Carlos Lima) como os já citados, revela que os autores que se consagrariam na literatura do Rio Grande do Norte, inclusive desenvolvendo uma carreira literária que os instituiria no cânone, foram publicados por Carlos Lima, nomes como o do poeta, contista e cronista Newton Navarro, do cronista Augusto Severo Neto, do poeta Deífilo Gurgel, do contista e crítico literário Manoel Onofre Jr e tantos outros. Carlos Lima era um intelectual afinado, e o seu pioneirismo e tino não só comercial, mas também cultural para

reconhecer o talento e qualidade literária daquilo que se propunha a publicar oportunizou a oferta da literatura do Rio Grande do Norte.

O protagonismo do editor é latente não só no que tange à atividade comercial. Carlos Lima tinha consciência que a produção de um livro é uma atividade cultural que está acima da atividade lucrativa, por isso, não hesitou em publicar alguns títulos que não se revelaram sucesso em vendas, e nem por isso, também, deixou de estar atento a todos os aspectos que envolvem a cadeia produtiva do livro. Informava aos jornalistas dos livros a serem lançados, para que fosse noticiado nos jornais, promovia lançamentos dos livros em suas livrarias e na gráfica, e, se não era, se tornava amigos dos autores e o principal incentivador do trabalho literário deles; instruía os vendedores, nas livrarias, a recomendar a leitura dos autores locais, além de se valer de técnicas de vendas e promoção, expondo os livros em destaque nas livrarias, distribuindo em pontos de venda e vinculando a compra de livros didáticos em suas livrarias a dos autores locais que publicava.

Carlos Lima foi uma figura essencial para a consolidação não só do mercado editorial e livreiro nos anos 1980 no Rio Grande do Norte, mas também foi uma figura central na consolidação da literatura potiguar ao tornar possível a publicação de livros de autores locais que não tinham acesso ao concentrado mercado editorial brasileiro no eixo Rio-São Paulo e, com o decorrer da atividade de editor, passou a publicar por indicação de outros autores e amigos, oportunizando ao autor local a chance de ver o seu manuscrito tornar-se livro. O corpo técnico e administrativo da editora que era a gráfica CLIMA, compunha-se do próprio Carlos Lima, proprietário e diretor da gráfica e da livraria, idealizador e mentor do selo editorial CLIMA, era o encarregado pela editoria, havia o revisor, atividade preenchida por colaboradores diversos, o jornalista e poeta Celso da Silveira (Assu/RN, 1929 – Natal/RN, 2005) chegou a ser um deles, a diagramação e composição ficava a cargo de um dos funcionários da gráfica, Grilo, e a coordenação gráfica sob a responsabilidade de Ivan Junior.

Ivan Junior, testemunha desta história, começou muito jovem na livraria responsável pela venda dos livros didáticos, depois, por necessidade da gráfica, o coordenador gráfico havia se demitido, foi assumir temporariamente o posto, quando acompanhando o trabalho do mestre linotipista e dos seus pares, aprendeu todo o processo de feitura de um livro. Foi ficando, foi ficando e assumiu o encargo de forma permanente só deixando as edições CLIMA para compor o seu próprio negócio nos anos 1990, a Offset Gráfica (1993). Pouco tempo depois, em 1995, Carlos Lima encerrou as atividades pondo fim a gráfica e a editora, subsistindo os irmãos o negócio das livrarias. As livrarias eram três e estavam sediadas na Princesa Isabel, Cidade Alta; na Amaro Barreto, Alecrim; e no Centro Comercial Aluizio Bezerra (CCAB) em Petrópolis. A gráfica e a livraria atendiam a capital e a todo interior do Estado fornecendo material de escritório e livros. A produção era tamanha em grande quantidade para atender a demanda de todo o estado.

a produção de livros no rn e no brasil

O sistema da gráfica CLIMA era o tipográfico manual. Na gráfica, além do maquinário, as matrizes de tipos, linotipos, clichês, as guilhotinas de cortar papel. Era preciso formar os tipos derretendo o chumbo na caldeira. Manoel Januário foi o linotipista por muitos anos, era ele quem operava a máquina. Carlos Lima também soube acompanhar a evolução técnica, quando surgiu uma máquina digitadora que facilitava o trabalho, e os textos precisavam ser datilografados novamente para compor as provas, foi Maria de Fátima Carvalho era a responsável pela composição. No escritório, o mostruário dos trabalhos impressos, para que fosse feita a escolha das fontes, o formato do livro, definidos os aspectos gráficos em conversa com o próprio Carlos que ao receber o manuscrito do autor e conversarem sobre a proposta do livro já definia o projeto gráfico do que iria para a impressão.

Os desenhos de capa passavam pelo fotolito. As capas são um capítulo à parte que merecem um estudo aprofundado, ainda à espera de quem a ele se dedique, entre os desenhos de capa, um dos maiores artistas da cidade empregou o seu traço em inúmeros trabalhos, seja para a sua própria produção literária, seus livros de contos e novelas, seja para imprimir sua força de expressão no livro dos amigos, um trabalho voluntário. Newton Navarro é autor de alguns dos desenhos de capa das edições da CLIMA. As inovações que se viam nas capas dos livros começaram na década de 1960. No Brasil, a editora Civilização Brasileira promoveu uma revolução transformando a imagem de capa num elemento predominante, empregando a tipografia como imagem, se valendo das influências dos movimentos artísticos na sua composição. Os primeiros capistas eram artistas que atuavam na indústria gráfica e traziam do seu universo, do experimento das correntes, abstracionismo, figurativismo, surrealismo, experimentos para o exercício de compor capas.

A capa era um forte instrumento de marketing já explorado pelas editoras brasileiras na década de 1960, fator estratégico utilizado para a conquista do público leitor que estava em constante ascensão no Brasil. O crescimento das cidades, a criação de faculdades e universidades, representavam o aumento do nível de escolaridade e o crescente interesse pela leitura. Os jornais e revistas cultivavam seções de livros, anunciando lançamentos, recomendando títulos, a crítica literária e as resenhas estavam no auge. Embora não investisse em propaganda, Carlos Lima investia no livro. E promoveu a divulgação dos seus autores e da Edições CLIMA. Fazia a divulgação dos autores potiguaros nas livrarias, conquistava pontos de venda e levava os livros para as escolas. Carlos Lima era um livreiro nato e apaixonado pelo livro. Também movimentava o circuito cultural da cidade. Trouxe Jorge Amado (Itabuna/BA, 1912 - Salvador/BA, 2001) para lançar *Tieta* na livraria CLIMA e Henfil (Ribeirão das Neves/MG, 1944 - Rio de Janeiro/RJ, 1988) para lançar *Henfil na China*.

No Brasil, a indústria editorial só se consolida no século XX. No Século XIX, Laemmert e Guarnier que publicavam os autores brasileiros e apenas. É no começo do século XX que vão surgir as editoras Saraiva, Melhoramentos, Francisco Alves e a Companhia Editora Nacional, de propriedade de Monteiro Lobato (Taubaté/SP, 1882 - São Paulo/SP, 1948) e a Globo de Porto Alegre. Nas décadas de 1930 e 1940, respectivamente, a José Olympio e a Brasiliense. Nos anos 1960, a Editora do Autor (depois Sabiá) e a Perspectiva. E assim por diante, o mercado vai se consolidando e outras editoras entram em ação nas décadas seguintes. No Rio Grande do Norte, os autores haviam de recorrer a gráficas e editoras em outros estados que dominavam o processo de feitura de livros. Existia o Departamento de Imprensa, que proporcionou a publicação de diversos autores locais, substituído depois pela Gráfica Manibu da Fundação José Augusto, órgão estadual de cultura.

Outros méritos cabem ao empreendimento da Fundação Vingt-Un Rosado, com a publicação da longa Coleção Mossoroense, que começa no final dos anos 1940 e se encerra com a morte do seu patrono, Vingt-Un Rosado (Mossoró/RN, 1920 – Natal/RN, 2005); e a Nossa Editora, do advogado Pedro Simões Neto, contemporânea da Edições CLIMA. Período que representa um boom de publicações de autores locais que impulsionam as primeiras publicações do Sebo Vermelho Edições, também nos anos 1980 e ainda em plena atividade. O mercado do livro estava em franco crescimento com a coexistência de casas e selos editoriais voltados para a publicação e reedições de autores locais. Geralmente, em razão do mercado consumidor, em pequenas tiragens, com duzentos exemplares, trezentos e raramente na casa dos mil.

Outro fator contribuía para o firmamento da cadeia do livro no Rio Grande do Norte. Havia uma relação dos livreiros com os leitores nas livrarias. O livreiro tratava o livro pelo conteúdo, e as suas sugestões eram de inteira confiança dos leitores que visitavam as livrarias em busca das novidades, de recomendações ou indicações de leitura, específicas sobre um determinado

tema ou conteúdo. Além das livrarias CLIMA, em destaque, havia também, aquele tempo, com mesmo esmero e cuidado com o livro, a Livraria Universitária de Walter Pereira, ponto de encontro dos escritores. Livreiro exemplar, incentivador dos autores, atento às novidades, um leitor apurado, assim como Carlos Lima que, além disso, unia à sua visão do livro como objeto, que havia de ser produzido na gráfica, seguindo passo a passo todo o processo de produção, aquela que trazia do livro como uma porta para formação e conhecimento do mundo. E assim Carlos Lima e a Edições CLIMA escreveram um capítulo da história do livro no Rio Grande do Norte.



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

josé saddock de albuquerque e o seu poema de sageza

Nivaldete Ferreira

aproximação

Tudo sabe, inclusive a ciência. Tudo sabe, inclusive a não ciência. É do ser humano querer saber. Tantas vezes iletrado, o sertanejo sabe, apenas observando alguns fazeres dos pássaros, se a bênção da terra virá —a chuva. Sabe porque aprendeu a observar e fazer relações. É a sua semiótica sem livro, passada de geração a geração. Ninguém considera isso ciência, entretanto. Ciência tem método, laboratório, contagem, prova, confirmação —ou não (isto em alguns campos, pois a física quântica trabalha com a incerteza). A filosofia produz saber também, e sem garantia. Filosofia não serve, por exemplo, para construir um edifício. Ou serve?... Talvez sim, se levarmos em conta que a ética, integrante da filosofia, pode ajudar na formação de valores desejáveis e, assim, influenciar, por exemplo, um construtor a não ceder às tentações da ganância, optando por usar materiais seguros no edifício que levanta. Filósofos especulam o sentido da existência, e às vezes dão de cara com um inexorável nada e o proclamam sem pudor. Outros incitam ao entusiasmo pela vida e a uma constante transformação do espírito. Outros costumam mesmo é revirar a ordem das coisas, interpelar as ‘verdades’ pintadas para os distraídos nos muros do mundo. E há os que prestam atenção a palavras que, inadvertidamente (só serve assim), pronunciamos durante encontros de cinquenta minutos e a partir daí tentam nos levar ao labirinto do(s) sentido(s) do que nos saiu da boca para, enfim, compreendermos nosso mal-estar emocional. Dito de forma simplista, estes últimos são os psicanalistas, cujo laboratório é a fala com seu jogo de esconde-esconde.

Os saberes não codificados em livro, entre os quais aquele referido no início, abarcam

concepções de comunidades e circulam em dizeres orais e mensagens contidas em canções, danças, vestes, rituais e vão muito além da coisa puramente folclórica, pois representam formas de compreender a vida, de agir nas dificuldades, de desatar no corpo a energia do prazer de estar vivo. E até curar esse corpo.

Odera Oruka (apud SANTOS), filósofo que-niano, chama de sages a alguns músicos, médicos da tradição (pelo que podemos entender curandeiros, xamãs, rezadeiras...), a contadores de histórias e poetas. Encontrei a expressão “sageza”, pela primeira vez, no livro *Dialética da literatura*, do poeta e crítico literário português, Jorge de Sena (não mais está comigo, e faz falta agora. Ele falava de “sageza de salvação”, referindo-se a um determinado poeta. Ou era à própria poesia. Porque a poesia parece ser sempre uma “sageza de salvação”, pelo menos para quem a comete: salva da própria linguagem, ao dizer de outro modo. Ao dizer estados e objetos dos quais não se costuma falar, daí o surpreendente dela.

Tendo em mente a poesia no sentido convencional (não concreta, não ideogramática ou outra), de onde virá o seu saber, se ela o tem?... Sem resposta. Ou se pode dizer, com todos os riscos: das extensões da vida, do que dela se prova (e, aí, mais do que se desaprova, em grande medida). Do que se observa, se intui, se apreende de outros modos que não os do raciocínio comum.

Há poesia sobre tudo. Até sobre (o) nada. Sobre o fortuito, o que está passando e o que vem de longe. Sobre o amor, nem se fala (ora, se fala demais). Poesia do obscuro, do profundo. Até poesia sobre a poesia. E uma parte é poesia de sageza (do fr. *sagesse*, sabedoria). De alguma sageza em particular, o que pode parecer uma questão melindrosa se lembrarmos, por exemplo, a firme posição de Baudelaire em rejeitar, para a poesia, qualquer função que não seja esta: a própria poesia. Mas renomados poetas disseram algo em tom de reflexão ou sugestão para a vida, em tom de sageza, como vamos ver no andamento, e o que Baudelaire condena mesmo é o moralismo destampado que, em sua época,

parecia ser cobrado à poesia. Verdade é que, na festa (solitária!) da escrita literária, autores -de forma clara ou disfarçada- costumam tirar a reflexão para dançar. E ninguém parece ter nos encostado tanto na faca da razão mais pragmática do que Shakespeare, com o seu tão conhecido ultimato: “Ser ou não ser, eis a questão”.

Sageza. E por que não “sabedoria”?... Talvez porque “sabedoria” define melhor um estado espiritual permanente e longamente aprendido por um indivíduo ou grupo, à oriental, enquanto “sageza” pode se manifestar como uma espécie de insight em um poeta, por exemplo, sem que ele construa um universo poético inteiro nesse lastro.

josé saddock de albuquerque, poeta sage

pois bem. Encontro na poesia de José Saddock de Albuquerque, nascido em Macau-RN, um poema (inédito em livro) que me chamou a atenção justamente pelo tom de sageza que o sustenta, neste tempo de efemeridades, diluições, dissoluções, de olhos míopes para o outro, se não estou, eu mesma, vendo mal.

1ª lição sobre o caminho

Antes de caminhar, lembre-se: o espaço está no passo e a duração no tempo. No caminho tudo é sonhado antes de ser vivido e tudo regressa ao mesmo começo.

Não toque em nada, pois tudo é antigo: o chão, o espaço e o que foi construído, e tudo é aparência em pleno repouso, e tudo se repete eternamente. Talvez o mero gesto da mão, agora contido, faça-o pensar na forma do mundo, e descobrir, ali, na esquina, a duração das coisas e o segredo da vida. Não fuja nunca, nem aceite sem barulho o que se lhe impõe como verdadeiro, como a oca ilusão do silêncio e o manual dos deveres derradeiros.

No caminho há inumeráveis futuros, mas é preciso evitar os erros, a

corrente mordaz do medo e as formulações inúteis do pensamento.

Como na véspera, vá além dos limites, mas não olhe para os lados com receio. No caminho, para que sirva de conduta, faça da vida um intocável espelho. (ALBUQUERQUE, 2016)

Não se percebe, mas o poema foi escrito para um filho do poeta, o mais moço, e traz uma sageza de iniciação. O pai, no caso, é mais do que o homem José, se está investido de uma ancestralidade longínqua, pai-poeta-sage, o que quer ensinar, prevenir sobre o caminho, e ele pode. Porque, andarilho subjetivo, tem as sandálias gastas, e a grande viagem há de ser esta: a que torna o caminhante um íntimo da vida, dos seus perigos e da confiança em seus “inumeráveis futuros” quando tem de falar ao que ainda não calçou as próprias sandálias. É o pequeno Tao de José Saddock de Albuquerque. E Tao quer dizer curso. Para nós, caminho também.

O poema está organizado em seis estrofes de quatro versos. Cada quarteto traz uma recomendação, à exceção do terceiro, em que um “talvez” quebra o tom de advertência e põe em seu lugar a possibilidade das descobertas, do fenomenológico das compreensões essenciais, das sutis epifanias que podem acontecer a quem se inicia nas vivências do mundo. E que talvez até descubra “ali, na esquina, / a duração das coisas e o segredo da vida”..., pois não há lugar definido para essas experiências íntimas.

O poema tem, ele próprio, um caminho, marcado por algumas palavras finais em alguns quartetos: *tempo, começo, antigo, eternamente, mundo, esquina, vida, barulho, silêncio, futuros, erros, medo, pensamento, limites, receio, conduta, espelho*. Estas, principalmente estas lanternas verbais sinalizam o caminho do poeta (ele também tem o seu), e tanto diz que “é preciso evitar os erros” quanto incita a ir “além dos limites”, no que o erro pode ser inevitável. Afinal, os ensinamentos do poema não são os do “manual dos deveres derradeiros”, que deve estar em outro lugar, em vozes convencionalmente pedagógicas. A orientação

do poeta, justamente por ser do poeta, também desorienta, como nestes versos em que o terceiro evoca a circunstância da aparência das coisas, à maneira platônica. “Não toque em nada, pois tudo é antigo: / o chão, o espaço e o que foi construído, / e tudo é aparência em pleno repouso”...

José Saddock de Albuquerque, nesse poema, está entre reconhecidos poetas que renovam, em certa medida, uma prática antiga, pois no Egito de aproximadamente 2.600 a.C. o sábio Kares já escrevia instruções sapienciais para o filho Kaghemni, porém como autoridade paterna, não como poeta. Uma amostra: “Não te envaideças em teu coração pela tua força quando estás entre teus colegas. Cuida para não ser desafiado...”. (apud MANACORDA, 1992, p. 12). Mas nem todos os poemas de sageza de iniciação (ou algo próximo) são destinados a um/a filho/a. Os descendentes, em muitos casos, são os leitores. Em *A gaia ciência* (NIETZSCHE, 2010, p. 22), há este breve poema, intitulado *Sabedoria do mundo*: “Não fiques em terreno plano, / Não subas muito alto. / O mais belo olhar sobre o mundo / Está a meia altura”.

Em *Iniciação*, Fontela (apud VILLAÇA, 2015) diz: “Se vens a uma terra estranha / curva-te / Se este lugar é esquisito / curva-te / Se o dia é todo estranheza / submete-te. / -és infinitamente mais estranho”. Sena, referido antes, escreveu um longo poema intitulado *Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya*. Contém, no entanto, mais reflexões: “(...) Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém / Vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la. / É isto o que mais importa –essa alegria. / Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto / Não é senão essa alegria que vem / De estar vivo (...)”. Também a autora de *Cânticos* (MEIRELES, 1986, n. p.) pode ser colocada aqui: “O teu começo vem de muito longe. / O teu fim termina no teu começo. / (...) Tudo é o mesmo. / Tudo é sem mudança. / (...)”. E é inevitável citar um poema dos mais conhecidos de Fernando Pessoa/

Ricardo Reis (ARQUIVOPESSOA): “Segue teu destino, / Rega as tuas plantas, / Ama as tuas rosas. / O resto é a sombra / De árvores alheias. / (...) Vê de longe a vida. / Nunca a interrogues (...)”.

José Saddock de Albuquerque, também formulando um cuidado para com a vida, diz algo próximo desses dois últimos versos de Pessoa, no último verso de *1ª lição sobre o caminho*: “faça da vida um intocável espelho”. Também se aproxima de Cecília Meireles em algum momento. Enquanto ela diz “Tudo é o mesmo. / Tudo é sem mudança”, ele escreve: “tudo regressa ao mesmo começo”; “tudo se repete eternamente”, no que é igualmente possível ver uma relação com a ideia nietzschiana do eterno retorno (formulada no fragmento 341 de *A gaia ciência* (op. cit., p. 179)).

Tais afinidades -aleatórias ou não- ajudam a compreender o poeta potiguar enquanto participante eventual das poéticas de sageza a que tantos e bons se lançaram. José Saddock de Albuquerque cumpre bem essa participação. Pela sofisticada beleza do poema. Pelo gosto e pelo amor de dizer. Ao filho e a todos nós. 

referências

ALBUQUERQUE, José Saddock de. **1ª lição sobre o caminho**. Disponível em: www.facebook.com/saddock?fref=ts. Acesso em: 27 jan. 2016.

BAUDELAIRE, Charles. **Prefácio**. Disponível em < <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/05/ baudelaire-sobre-edgar-allan-poe/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. 4ª. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1986

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Jean Melville. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2010

PESSOA, Fernando. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/602>>. Acesso em: 11 fev 2016

SANTOS, Boaventura Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das**

emergências. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/t285?lang=es>>. Acesso em: 10 fev 2016

SENA, Jorge de. **Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya.** Disponível em: <www.triplov.com/poesia/jorge_de_sena/carta.htm>. Acesso em 20 mar 2016

VILLAÇA, Alcides. **Símbolo e acontecimento na poesia de Orides Fontela.** Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sei_arttext&pid>. Acesso em: 12 mar 2016

>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

reflexões para uma leitura poética de o meu pé de laranja lima

Ozaias Antonio Batista¹

o imaginário poético

Em uma realidade que desvaloriza as criações imaginárias em prol de uma racionalidade pragmática e conceitual, torna-se urgente a resignificação da imaginação enquanto faculdade que auxilia o ser na criação de um cenário menos inóspito ao sonho, vislumbrando o devaneio como um fenômeno necessário para resistência das dificuldades vividas cotidianamente. Isso porque é pelo sonho que nos reinventamos por inteiro: “Na verdade, os sonhos falam em nós o que nenhuma palavra sabe dizer” (COUTO, 2011, p. 12).

Com o pensamento aberto à imaginação, o mundo se torna um espaço infinito para os devaneios, passando por sucessivas recriações toda vez que o sonhador concebe imagens que lhe são aprazíveis, porque a imagem não está limitada ao campo subjetivo, ela pode voltar à realidade quando o discurso imagético orientar a *práxis* do sonhador na transfiguração do devaneio em realidade (WUNENBURGER, 2007). Esse fenômeno é comum, por exemplo, no campo político, onde, seja nas ações do cotidiano ou em discursos de políticos profissionais, as imagens atuam na percepção e intervenção dos indivíduos no real².

Concebendo a imaginação nestas condições, não podemos compactuar com ideias que

enxergam o Imaginário e as imagens enquanto elementos indesejáveis em um texto literário (WUNENBURGER, 2005; 2003b; GOMES; 2015). Aqui, a imaginação, as imagens e o Imaginário são vistas como partes que integram uma lente de aumento que amplia a interpretação romanesca, atuando como elementos fundamentais para composição de uma interpretação calcada no poético.

A imaginação, de forma genérica, é uma dimensão psíquica que está articulada com a esfera racional na apreensão do real em sua multiplicidade de sentidos. O entendimento imaginativo é perpassado por imagens que, estejam vinculadas às vertentes poética ou representativa, servem para construir a compreensão do indivíduo em sua relação direta com o real apreendido.

É com a imaginação criadora (WUNENBURGER, 2000) que as imagens assumem proporções poéticas, não se limitando a contornos preestabelecidos em leituras ou narrativas historicamente determinadas. São autônomas por estarem forjadas sob um discurso próprio no instante do devaneio, passando por sucessivas renovações sempre que a poética deste devaneio estiver no cotidiano sonhado.

Já as imagens lidas em uma perspectiva representacional estão presas à contextualização histórica, assumem uma narrativa linear vinculada ao contexto de gestação das imagens. Esse discurso imagético não está em movimento, pertence a autores pré-definidos que trarão leituras das imagens com uma ótica representativa, estática.

As imagens, com suas singularidades poética e representativa, fazem parte do campo de estudo pertencente ao Imaginário, cuja problemática, em linhas gerais, volta-se para reflexão da imaginação como fenômeno; em suas várias manifestações discursivas, abarcando os espaços onde as imagens estão presentes.

Apesar das perspectivas poética e representativa não serem necessariamente antagônicas no interior do Imaginário, esse artigo apresenta aspectos de uma leitura poética das imagens, acreditando que dessa forma mantemos o potencial estético e discursivo do imagético, contribuindo na construção

1 Analista Educacional do Núcleo Permanente de Concursos (COMPERVE). Pesquisador do Grupo de Estudos Mythos-logos: religião, mito e espiritualidade/UFRN. Doutorando em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN). Mestre em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN). Graduado em Ciências Sociais (UFRN). Se interessa por pesquisas que articulem Literatura e Infância, assim como Ciências Sociais, Sociologia e Educação. Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Laudelina Ferreira Gomes.

2 A relação entre a política e o Imaginário é tratada por Wunenburger (2003).

de um conhecimento criativo e indisciplinado³. Sobretudo pelas imagens poéticas transitarem pela dimensão da novidade, conduzindo o leitor por veredas desconhecidas pelo científico.

Essa proposta de leitura poética da narrativa literária é amparada pela fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard (2009; 2008; 1989), a qual lê as imagens em devaneio poético (também conhecido pelo filósofo como sonho acordado). É no devaneio poético que as imagens adquirem seu caráter cósmico, sentidas em sua polifonia e descritas com caracteres a compor significados múltiplos.

O devaneio poético só é possível para o sonhador vigilante, aquele capaz de dialogar diretamente com a imagem desejada, agindo e sendo agido pela sedução imagética. Assim, no devaneio poético, a imagem é meditada no instante de sua criação, tomando outras proporções quando o sonhador passa a revisita-la ulteriormente. Não é, portanto, uma imagem presente no inconsciente: “A imagem poética ilumina com tal luz a consciência, que é vão procurar-lhe antecedentes inconscientes” (BACHELARD, 2009, p. 3).

As imagens do inconsciente são de natureza distinta das imagens poéticas. No inconsciente brotam as imagens que dão vida ao sonho noturno, arrebatando o sonhador sem seu consentimento na elaboração de uma narrativa onírica balizada inconscientemente, porque o devaneador não dialoga com as imagens para estipular o início e um fim da construção dessa narração. No sonho noturno as imagens parecem ao sonhador como algo descontrolado, distante e sem sentido.

Diferente do ocorrido com as imagens poéticas, com as quais o indivíduo se sente parte indissociável da narrativa imagética, tecendo juntamente com as imagens um entendimento singular. Por isso nas obras bachelardianas dedicadas à imaginação poética, o filósofo das

imagens polemiza com psicanalistas e psicólogos a respeito da leitura das imagens poéticas, visando retirar o peso do inconsciente comumente vinculado às imagens do sonho noturno. Consequentemente, as imagens do sonho noturno são lidas pela causalidade do inconsciente, e as imagens poéticas vislumbradas com o potencial criador do devaneio poético⁴.

infância onírica entre as páginas de o meu pé de laranja lima

Assim, o palco escolhido para desfrute desse devaneio poético está nas páginas do romance *O Meu Pé de Laranja Lima* (1995). Quando escolhido, identificou-se logo a carga poética das imagens literárias (BACHELARD, 2008b) que dão vida as personagens dessa célebre obra da literatura brasileira.

O romance foi escrito em 1968 por José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) e, embora não tenha sido sua primeira produção, foi o trabalho que mais deu visibilidade ao autor. Traduzida para 52 línguas e publicada em 19 países, *O Meu Pé de Laranja Lima* foi adaptado para o cinema duas vezes e visto em três telenovelas (ARALDO, 2013). A primeira versão cinematográfica do romance foi dirigida por Aurélio Teixeira com lançamento em 1970, assim como a segunda edição filmica é de 2013, contando com a direção de Marcos Bernstein e roteiro de Melanie Dimantas (RIZZO, 2013).

Antes de *O Meu Pé de Laranja Lima* brotar, vieram *Banana brava* (1942), *Barro branco* (1945), *Vazante* (1951), *Arara vermelha* (1953), *Arraia* (1955), *Rosinha, minha canoa* (1962), *O grandão das praias* (1964), *Coração de vidro* (1964). Depois *O meu pé de laranja lima* (1968), continuando com *Rua descalça* (1969), *Palácio japonês* (1969), *Farinha órfã* (1970), *Chuva crionla* (1972), *O veleiro de cristal* (1973), *Vamos aquecer o sol* (1974) que é considerada uma continuação de *O Meu Pé de Laranja Lima*, dentre outras.

3 A noção de um saber epistemologicamente indisciplinado é de inspiração moriniana, na qual ele apresenta uma proposta metodológica que libera os saberes das barreiras disciplinares impostas pelo paradigma científico moderno. Para uma leitura mais acurada, vide Morin (2012; 2011).

4 Para maiores esclarecimentos acerca da fenomenologia da imaginação, consulte Bachelard (2009; 2008; 1989).

Carregadas com uma afetividade aprazível, as imagens literárias de *O Meu Pé de Laranja Lima* convergem para a narração da infância de Zezé, protagonista da obra em questão. Imerso em um contexto de privações material e afetiva, o menino encontra estratégias para burlar as dificuldades vividas cotidianamente, reinventando sua realidade com ideias e imagens presentes no mundo imaginado por si.

De sua imaginação brotam morcegos, cavalos, paisagens do futuro, personagens de cinema, desejos de morte, índios e *cowboys* em *bang bang*, personalidade para coisas e objetos, ou seja, um mundo infinito de personagens e situações. É com tudo isso que um dia Zezé se encontra com um pé de laranja lima, dando início a uma amizade que deu ânimo ao menino.

Embora *O Meu Pé de Laranja Lima* seja uma obra classificada como autobiográfica por tratar da infância de José Mauro (PAIO, 2011; CRUZ, 2007), entendendo-se que ela pode transcender o rastro da autobiografia, pois amparadas nas imagens poéticas⁵. Os traços autobiográficos só viriam colocar uma camisa de força nas imagens, impedindo-as de comunicar poeticamente ao leitor por estarem subjugadas pela sombra da história de vida de José Mauro.

Não se nega a influência da autobiografia na constituição do romance, elemento presente desde as primeiras páginas do livro quando o autor cita pessoas que deixaram marcas significativas em sua vida. Essas pessoas também integram a narrativa romanesca:

Meu preito de saudade para o meu irmão Luís, O Rei Luís, e minha irmã Glória;

Luís desistiu de viver aos vinte anos e Glória aos vinte e quatro anos também achou que viver não valia mesmo.

Saudade igual ainda para Manuel Valadares que mostrou aos meus seis anos o significado da ternura ...

– Que todos descansem em paz! ...
(VASCONCELOS, 1995, p. 5)

Além do pé de laranja lima, Luís, Glória e Manuel Valadares (o Portugal) eram os seres mais amados por Zezé e José Mauro. Certamente *O Meu Pé de Laranja Lima* pode figurar enquanto narrativa autobiográfica, havendo inúmeras associações da vida do autor com a obra citada. Contudo, reitera-se, pode-se fazer outra leitura do romance, partindo das imagens literárias para construir uma interpretação poética que traga a infância de Zezé como o grande norte reflexivo de nossa leitura.

Contudo, não se trata de uma infância historicizada, vinculada a determinada conjuntura social e política, mas sonhada, isto é, vivenciada no devaneio poético. O enredo de *O Meu Pé de Laranja Lima* está ambientado nos anos 1920 (FREITAS, 2012), de modo que os cenários carregam os traços constitutivos dessa conjuntura histórica. Porém, a infância descrita pelo poético deixa de lado as associações com a infância de José Mauro, abrindo espaço aos devaneios infantis (BACHELARD, 2009) a partir de imagens poéticas inspiradas pela narração de Zezé.

O desfrute da imagem poética não é possível quando está vinculada a história de vida de um autor, ao contrário, quanto mais à imagem se distanciar de interpretações pré-estabelecidas, maiores serão as chances do leitor vivenciar a primitividade poética inerente à imagem (BACHELARD, 1989). O que não acontece quando o indivíduo busca associações diretas entre imagem e autor:

De um modo geral, o que é que uma biografia pode dar para explicar uma obra *original*, uma obra nitidamente *isolada*, uma obra em que o trabalho literário é vivo, rápido, bloqueado, da qual, por consequência, é expulsa a vida cotidiana? Estamos pois em presença

5 Caso deseje informações sobre a história de vida de José Mauro, consulte Lima (2008), Paio (2011) e Cruz (2007).

dessas obras que são *negativos* da vida positiva. Nenhum revelador as pode recuperar. É preciso entendê-las no seu próprio sistema como se compreende uma geometria não-euclidiana na sua própria axiomática. (BACHELARD, 1989, p. 78, grifos do autor)

Com a lente do biógrafo a obra está congelada, perdeu seu movimento porque as imagens pouco se expressam, deixaram de comunicar para descrever narrativas estáticas – todas com início, meio e fim bem definidos. Porém, quando o discurso imagético é lido em devaneio poético, a originalidade da obra insurge, deixando para trás a repetição comum às representações conceituais⁶.

É dessa forma que se dá vida própria à infância de Zezé, trazendo as imagens de *O Meu Pé de Laranja Lima* como manifestações de uma leitura poética. Tamanho é o pulsar do menino, que em alguns momentos não se sabe se é o leitor a escrever ou Zezé a falar por esse leitor. Estamos em perfeita simbiose nesse passeio onírico, inexistindo uma linha que demarque os devaneios de Zezé e os nossos.

Conduzidos metodologicamente pela fenomenologia da imaginação, as imagens literárias encontradas em *O Meu Pé de Laranja Lima* levam aos devaneios voltados à infância – tendo em vista que Zezé fez construir reflexões em torno do universo sociocultural da criança, assim como tratar os elementos pertencentes à infância onírica (BACHELARD, 2009) – fosse pelas histórias contadas ao seu irmão menor, seus diálogos com o pé de laranja ou os passeios no carro do Portuga.

Essa infância onírica trata-se de uma construção arquetípica de inspiração junguiana, caracterizando-se pela relação que a imagem criadora possui com o inconsciente coletivo. Dessa forma, o arquétipo da infância detém características voltadas para a felicidade, liberdade, alegria, solidão

– estando à leitura arquetípica instigada pela imagem poética, não se tratando de uma reprodução mimética: “Os arquétipos são, do nosso ponto de vista, reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amar o mundo, a criar o nosso mundo.” (BACHELARD, 2009, p. 119).

Consegue-se observar essa infância arquetípica por todo o romance: uma das vezes é quando Zezé, em seus excessos de melancolia, entoava uma música cantada para dentro, interrompida por seu irmão mais velho (Totoca):

Até agora aquela música me dava uma tristeza que eu não sabia compreender. Totoca me deu um puxão. Eu acordei.
– Que é que você tem, Zezé?
– Nada. Tava cantando.
– Cantando?
– É.
– Então eu devo estar ficando surdo. Será que ele não sabia que podia cantar para dentro? Fiquei calado. Se não sabia eu não ensinava. (VASCONCELOS, 1995, p. 13)

Zezé fazia uso da imaginação enquanto mola propulsora de reinvenção da realidade, pois suas vivências estavam imersas em privações – fossem materiais ou afetivas. Contudo, a todo instante esse seu potencial onírico era podado, fosse pelo puxão de Totoca, que liberta Zezé de seu sonho cantado ou pelo descrédito que seus familiares davam às histórias contadas pelo menino.

Ao se remeter à infância onírica, vislumbra-se a possibilidade da reimaginação mediante as imagens poéticas, através das quais se revive uma experiência infantil balizada pela memória e pelo devaneio poético, constituindo uma memória-sonho: “Se quisermos participar do existencialismo do poético, devemos reforçar a união da imaginação com a memória.” (BACHELARD, 2009, p. 114). Consequentemente, a infância onírica é vivenciada mediante o devaneio poético, que se diferencia da experiência unicamente memorialística, a qual possibilita apenas uma experimentação reprodutiva da imagem.

6 Nessa discussão, o conceito surge como contraponto à imagem poética. Se nesta encontra-se a amplitude da novidade, com o conceito está o pensamento hermetico, repetitivo, delimitado (BACHELARD, 2009; 2008).

Por isso que Bachelard apresenta essa infância arquetípica enquanto produto do devaneio poético, e não condicionada por uma idade cronológica: “Em nós, ainda em nós, sempre em nós, a infância é um estado de alma.” (2009, p. 125). Essa criança arquetípica é revivida quando se lê poeticamente as imagens que nos remetem para uma infância sonhada, a qual é fruto do amálgama de nossas memórias da infância com a imaginação. De modo que o devaneio poético se dá mediante a interlocução memória-imaginação.

É neste espírito que se ouve ouvimos a voz de Zezé nos conduzir por diálogos, situações e momentos interpretados com a potência das imagens em devaneio poético. Se no pensamento bachelardiano a integralidade é a síntese do racionalismo científico (diurno) com a metafísica poética (noturno), formando o chamado homem das 24 horas⁷, pede-se aos leitores de *O Meu Pé de Laranja Lima* que acompanhem as páginas romanescas com uma visão em lusco-fusco, sendo iluminado pela clareza do racional e a sombra do poético, concomitantemente. Assim, a infância de Zezé poderá ser reinventada toda vez que o leitor se abrir ao devaneio poético. 

referências

ARALDO, Adriana Falcato Almdeida. **Diálogos ao pé da árvore: uma conversa com a roteirista de “Meu pé de laranja-lima”**. Literartes. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 18-22, jan./dez. 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Lautréamont**. Lisboa: Litoral Edições, 1989.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras intervenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

7 Sobre o homem das 24 horas, consulte Gomes (2015b) e Freitas (2006).

CRUZ, Juliana Leopoldino de Souza. **O meu pé de laranja lima: do broto ao fruto a recepção da obra de José Mauro de Vasconcelos por diferentes gerações**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2007.

FREITAS, Alexandre. **Apolo-Prometeu e Dionísio: dois perfis mitológicos do “homem das 24 horas” de Gaston Bachelard**. Educação e pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, v. 32, n. 1, p. 103-116, jan./abr. 2006.

FREITAS, Edinéia Duarte da Silva. Uma leitura do social da obra ‘O meu pé de laranja lima’ de José Mauro de Vasconcelos”. **Revista Eventos Pedagógicos**. Cuiabá, v. 3, n. 1, Número especial, p. 361-369, abr. 2012.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. “Por que buscar articulações científico-humanísticas?” In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). **Fetins de seda: Festival Mythos-Logos e outras inventices bachelardianas**. Natal: EDUFRN, 2015 (no prelo).

_____. “A educação do homem das 24 horas.” In:

GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). **Fetins de seda: Festival Mythos-Logos e outras inventices bachelardianas**. Natal: EDUFRN, 2015b (no prelo).

LIMA, Lílían Carvalho. **O meu pé de laranja lima: uma história que resiste ao tempo**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PAIO, Helena Maria Assude. **Recordar, escrever e ler a infância: análise comparativa de “O meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos, e “Bom dia camaradas”, de Ondjaki**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Português como Língua Segunda e Estrangeira) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

RIZZO, Sérgio. Tainá – a origem e Meu pé de laranja lima: o popular e o erudito no cinema infantil brasileiro.” **Literartes**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 149-153, jan./dez. 2013.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O Meu Pé de Laranja Lima**. 73. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. Imaginário e racionalidade: uma leitura da criatividade geral. In: BULCÃO, Marly (Org.).

Bachelard: razão e imaginação. Feira de Santana: Universidade de Feira de Santana, 2005.

_____. Imaginário e Política. Em : ARAÚJO, Alberto Filipe e BAPTISTA, Fernando Paulo (coord). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, teorizações e práticas hermenêuticas. Lisboa : 2003.

_____. Imaginário e Ciências. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coord.). **Variações sobre o imaginário**.

Domínios, teorizações e práticas hermenêuticas. Lisboa, 2003b.

_____. O pensamento renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação? **Cronos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal, v. 1, n. 1, p. 15-22, jan./jun. 2000.

>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

escritores e poetas potiguaros contemporâneos em três notas

Jania Souza

Dentro do universo contemporâneo dos escritores e poetas potiguaros, debrucei-me sobre as mais recentes obras dos poetas Eduardo Gosson, Janilson Dias de Oliveira e Carlos Magno de Souza. Fato que me rendeu algumas considerações que acredito relevantes no contexto das letras que fluem com tanta persistência e força significativa nessa terra reveladora de talentos literários poéticos.

Com os títulos de *Andarilho da Palavra*, *Com Amor e Poesia* e *Força da Palavra* abro meu mergulho em cada autor e registro suas peculiaridades temáticas e de estilo, em um passeio por suas vertentes literárias e de influências pessoais.

uma - andarilho da palavra

A força do ser Eduardo Gosson, homem, poeta, escritor, é de incerto conhecimento. Não se consegue precisar sua imensidão nem sua intensidade. Pura emoção.

Contudo, tem-se a certeza, por se conhecê-lo, da longa e árdua trajetória palmilhada no malho da vida com muita fibra e determinação.

A cada obstáculo, praticamente intransponível, vencido, seu espírito aguerrido talhado na palavra verdade redimensionou-o com a energia do fogo, da luz resplandecente, renovando suas forças para o novo combate da sobrevivência, levando-o ao enfrentamento das trevas que turvam caminhos e horizontes de incautos passantes dessa frágil morada.

Transpôs profundos abismos com o escudo ético de seu caráter. Herança do cedro do Líbano miscigenado à hospitalidade do Rio Potengi. Eternos.

A ternura de sua fala vem mesclada de cantares de saudades aos seus amores e de esperança

na promessa da benção em sua descendência, acalanto para seus dias presentes.

Em *Poemas e Crônicas* (*Eu não sabia que doía tanto*), sua dor torna-se palpável no ritmo dos versos e no entrelaçamento das orações reflexivas e reveladoras das belas crônicas e cartas. Sua alma é exposta através da palavra com toda a sua sensibilidade e ardor. Desnuda-se para o leitor. Provavelmente arrancará desse um íntimo desejo de solidariedade e consolo pelo seu pesar tão marcante nas próximas páginas.

A obra encontra-se dividida como sugere o título em duas partes, poemas e crônicas. Há poemas das lamentações, das pessoas e autobiográficos. O autor conversa com seus entes queridos, compõe com seus amigos e para seus amigos. Há um encontro de sentimentos, de emoções e de convívio, mescla de amizade, compreensão, identidade, amor.

Nos poemas das lamentações, ascende um clamor em súplica, na confiança que há na esperança da promessa. Essa reforça o significado da palavra lamentação. Torna-se forte. Completa. Seu estilo é rebuscado no âmago de cada palavra a reforçar o sentido da imagem da emoção motivadora da criação. Assim, tornam-se corpo vivo, energético. Vestem-se em imagem figurativa de muitos tons. Iluminam a dor, a negação, o aparentemente irreversível e, ao tocá-lo com a essência maior, completam-se na resposta metafórica da espera que aguarda o momento para realização da felicidade. Não há uma dor só por existir permanentemente. Ela amadurece e descobre alegria em novos existires com a eternidade do sempre.

Descendente da linhagem dos habilidosos negociadores e exímios diplomatas da cultura fenícia. Seres destemidos. Ousados desbravadores de mares e oceanos no caminho de longínquo horizonte com seus mistérios e segredos ocultos à visão dos que permaneciam no conforto de suas casas sem qualquer perigo, reféns de seus medos e órfãos de enriquecedoras e fantásticas aventuras. Eduardo descobre-se, revela-se, partilha e comunga sua poética com o universo.

A cada embate, a força da palavra realiza-se no poeta escrevinhador e, incansável,

ele publica espinhos e rosas do seu elaborado vernáculo da alma.

Atavia-se com sua verve. Homem e palavra, fusão. Tornam-se únicos. Revela-se no sêmen da palavra e expõe toda a alquimia do verbo. Indumentária reforçadora da sua personalidade, dos seus sentimentos, dos seus sonhos, das suas desilusões, dos seus cantares fruto de sua emotividade e vivência.

A palavra o redime. Purifica. Salva.

Em sua jornada anterior aos dias atuais, aportou em cais diverso. Encontrou-se nas palavras de Engel e Mark, aprofundando-se na dialética do materialismo social. Partiu para a luta por princípio enquanto abandonava suas brincadeiras provincianas e os preceitos espirituais absorvidos na infância pela transmissão familiar. Repentinamente, no caos imposto à comunidade humana, descobre-se na maturidade da vida, sem qualquer explicação, encontra-se na dor do vazio e depara-se com o incompreensível da compreensão do Verbo. Seu substrato e fiel companheiro. Descobre enfim a possibilidade que há no impossível consolidado pela palavra. Sua poética encontra novo momento. Os contrastes da vida e as dores das perdas.

Em seu novo alvorecer literário, o autor Eduardo Gosson lega ao leitor sua saudade; sua dor, sua tristeza, sua esperança. Seu abandono e sua confiança na chama da fé.

Poemas e Crônicas (Eu não sabia que doía tanto) é um convite a metamorfose espiritual. São diferentes caminhos seguidos pelo ser na busca do seu Eu pleno. Em busca da razão simples, mas tão necessária do existir.

A beleza estética e o conteúdo da obra possibilitam ao leitor interessante e prazeroso contato reflexivo com o eu poético do escritor. São poemas e crônicas minimalistas. Síntese do universo do sentir. Leitura individual que se universaliza. Textos concisos e de fina elaboração, redigidos para preencher o espírito e o próprio vazio interior provocado pela dor ou pelo racionalismo material. São profundos como o próprio oceano e, ao mesmo tempo, conclusos com a sabedoria do ponto final. Definitivamente

belos e completos em suas mensagens.

Eduardo Gosson, enquanto ave do pensar é um andarilho incansável da palavra.

Poemas e Crônicas (Eu não sabia que doía tanto) foi grafado com a tinta do amor. Sua essência resume-se em um contexto único, simples, base da sociedade humana: “Família”. Nele há intrínseco um enorme valor, tanto literário, quanto humano. Cimento do homem.

duas - com amor e poesia

Do universo literário potiguar, germinado e frutificado na poesia esmeraldina do vale do Ceará-Mirim, gleba de barões canavieiros e linhagem literária de fidalguia, brota a nobre caneta poética de Janilson Dias de Oliveira.

Excelente artífice, que é, comprovadamente pelos testemunhos de suas comendas, louros e honrarias. Oriundos dos quadros da Engenharia do Rio Grande do Norte (UFRN) e com raízes profundas na Escola de Artífices de Natal. Posteriormente elevada à Escola Industrial, Escola Técnica Federal, Centro de Ensino Federal de Tecnologia e, atualmente, Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Janilson Dias de Oliveira consagra-se também como artífice do poema ao brindar o público com vasta produção de obras solo na linguagem dos versos falantes à alma desde que labuta na árdua seara da palavra.

Com amor e poesia, recheia seus dias e suas noites incansavelmente para prazer do seu leitor, que se depara com temas que varrem, desde a sua sensualidade quente, viaja por estradas floridas com saudades, beijos, desejos, humor com pontadas de nostalgia, sentimento que empresta a presente obra seu sugestivo título.

Nostalgia nasce fluída pela energia efervescente da criatividade e talento do autor que convida a um passeio leve e descontraído, por vezes bem-humorado na travessia de seus sentimentos e emoções desfolhados com carinho pelo brilho da sua poética materializada na presente obra.

Escreve canção nas “... folhas perfumadas das flores” e canta seu amor. O amor que teve, que tem, o amor ideal para sua alma de poeta

habitante no nirvana das letras e dos sonhos.

Em seus versos, busca ir além da razão e das fronteiras da imensidão de um universo íntimo, profícuo e encantador em suas cores e falas.

Mergulha em suas questões de alma e razão ao declarar com força em verso.

A poética de *Nostalgia* é forte, máscula, viril, quente, ardente, sensível. Tem por baluarte a sensibilidade, o carinho, o afago presente no coração do poeta Janilson Dias de Oliveira a se desmanchar fagueiro sobre seu amor, sua praia, seus dias e noites, suas contemplações e principalmente seus sonhos. Esses resgatados nas velas translúcidas da saudade, porém deixando-o seguir sem magoas, sem dores por novos e fantásticos horizontes.

três - força da palavra

As páginas da obra *Fragmentos de meu Eu* revelam, uma a uma, a força da palavra do poeta potiguar Carlos Magno de Souza amadurecida em suas “Manhecencias” na calçada da vida. Caminho presente de evolução espiritual e intelectual que ele ricamente vivencia e compartilha.

Com desenvoltura e sem qualquer resquício de pudor, abre o oceano de sua alma e pesca as palavras, palavra a palavra, para o banquete nupcial com o leitor.

As letras e a emoção apropriam-se da palavra. Essa evolui, encorpa-se poderosa. Toma forma e faz-se necessária como o pão e o vinho a emprestar energia ao poeta, esteta do seu id.

As metáforas, os pleonasmos, as hipérboles do existir do poeta estão miscigenadas ao suor que pinga dos seus poros caudalosamente em gotas de amor e imagens poéticas.

A marcante personalidade do autor, forjada nas pedras do Potengi pela persistência da água, realça-se em *Fragmentos do meu Eu* pela palavra forte, crua, despida. Palavra reveladora do Eu intangível, tangenciado pelo espírito da poesia a traçar rede em seus gestos, em sua língua, em sua maneira de ver as pessoas, as coisas, os sentimentos, as relações, a amizade. A sua forma peculiar de se apropriar e revelar a essência de

cada ser em seus estilhaços repartidos e ofertados em versos.

Fragmentos de meu Eu torna palpável o espírito de seu autor. Esse foi alicerçado em valores ferrados a fogo e brasa nas masmorras do subconsciente, tão consciente da crítica à realidade perversa, pervertida, que mata; que suga; que estropia; mas que apresenta gratificantes momentos de encontro, de realização, de pureza na inocência que há nos pedaços de cada um.



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<



>>galeria cíceros oliveira - exposição "ribeira noturna"<<

